



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

REGIONAL CATALÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO PROFISSIONAL

LAYANNE GRIGÓRIO MARTINS

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: Reflexões sobre o Ensino de História
mediado pela Educação Histórica**

CATALÃO-GO

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Layanne Grigório Martins

3. Título do trabalho

RELATO DE EXPERIÊNCIA: Reflexões sobre o Ensino de História mediado pela Educação Histórica

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por LAYANNE GRIGÓRIO MARTINS, Discente, em 27/05/2020, às 10:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por Marcia Pereira Dos Santos, Professor do Magistério Superior, em 27/05/2020, às 13:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 1350896 e o código CRC 14B095E4.

LAYANNE GRIGÓRIO MARTINS

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: Reflexões sobre o Ensino de História
mediado pela Educação Histórica**

Dissertação apresentada ao PPGH – MP como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em História.

Linha de pesquisa 1: Cultura, Linguagens e
Ensino de História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia Pereira dos
Santos

CATALÃO

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Martins, Layanne Grigório
RELATO DE EXPERIÊNCIA: Reflexões sobre o Ensino de História mediado pela Educação Histórica [manuscrito] / Layanne Grigório Martins. - 2020.
80 f.

Orientador: Prof. Dr. Márcia Pereira dos Santos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, 2020.
Bibliografia. Anexos.

1. Ensino e Aprendizagem. 2. Pesquisa-ação. 3. Educação Histórica. 4. Relato de Experiência. I. Santos, Márcia Pereira dos, orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 57 da sessão de Defesa de Dissertação de **Layanne Grigório Martins**, que confere o título de Mestre(a) em História – nível Mestrado Profissional, na área de concentração em História.

Ao/s **quatorze dias do mês de maio de dois mil e vinte**, a partir da(s) **14h00**, remotamente, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“RELATO DE EXPERIÊNCIA: Reflexões sobre o Ensino de História mediado pela Educação Histórica”**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Márcia Pereira dos Santos INHCS/UFG/UFCAT** “cuja participação ocorreu por meio de videoconferência” com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Jaciely Soares da Silva - IFNMG**, membro titular externo; “cuja participação ocorreu por meio de videoconferência”, Professor(a) Doutor(a) **Ismar da Silva Costa INHCS/UFG/UFCAT**, membro titular interno “cuja participação ocorreu por meio de videoconferência”. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Márcia Pereira dos Santos**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **quatorze dias do mês de maio de dois mil e vinte**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Pereira Dos Santos**, Professor do Magistério Superior, em 14/05/2020, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ismar Da Silva Costa**, Professor do Magistério Superior, em 14/05/2020, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **JACIELY SOARES DA SILVA**, Usuário Externo, em 14/05/2020, às 18:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1326825** e o código CRC **84B56141**.

Sumário

Introdução – uma abertura ao “eu professora”	14
Capítulo I	25
Reflexões sobre a disciplina de História a partir da História Cultural e da Educação Histórica	25
1.1 História e Educação Histórica: teoria e metodologia para interpretar as experiências em sala de aula	32
CAPÍTULO II.....	42
Um olhar de reconhecimento: O ensino de História e sua conexão entre o passado e o presente dos alunos .	42
2.1 Planos de aula e avaliação do que foi proposto e do que foi realizado:	56
2.1.1 História Local: Oficina Nossa Cidade, Nossa História.	56
2.1.2: Oficina Revirando o Baú do Tempo.....	60
2.1.3 Oficina: O cafezinho nosso de toda visita	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
FONTES DIRETAS:	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	67
SITES VISITADOS:	70
Anexos	72

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Márcia Pereira dos Santos (Orientadora)

Prof.^a Dra. Jaciely Soares da Silva
(Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – Campus Salinas)

Prof. Dr. Ismar da Silva Costa
(PPGH – MP/Regional Catalão)

DEDICATÓRIA

À Maria Julia, minha filha; Diórgenes, meu marido; Maria Grigório e Dinelmando, meus pais; Layenne e João Paulo, meus irmãos; Prof.^a Márcia; e aos meus alunos e alunas.

AGRADECIMENTOS

A minha filha, Maria Júlia, que apesar da pouca idade tentou compreender a necessidade da minha ausência, por todos os abraços apertados e beijinhos que curam minha alma e me trazem paz, meu amor infinito a você, minha “flor”.

Ao meu marido e companheiro Diórgenes, por acreditar em minha capacidade, por me acompanhar sempre e em qualquer circunstância, por dividir comigo os melhores e os mais difíceis momentos da minha vida.

Aos meus pais, Maria Grigório e Dinelmando, por sempre acreditarem em mim, por cuidarem da minha filha com o mesmo amor e carinho que tiveram por mim e meus irmãos.

Aos meus irmãos, Layenne e João Paulo, pela cumplicidade, carinho e amor com o qual me ajudaram cuidando da minha filha quando precisei me ausentar.

A minha querida professora e orientadora Márcia, pela confiança em meu trabalho, pelas palavras de incentivo quando tudo parecia muito distante. Obrigada por fazer parte da minha formação desde a graduação, uma amiga que a vida me deu, sempre serei grata a você, minha professora!

A todos os meus alunos e alunas, que me ensinam diariamente o que significa ser professora, que uma única estratégia não será suficiente para alcançar a necessidade de todos, ou seja, não existe receita, é um reinventar-se constante. Meus alunos me ensinaram que ser professora tem mais haver com afeto do que com teoria.

Aos colegas do Colégio Estadual Illydia Maria Perilo Caiado, onde iniciei minha vida na docência, por confiarem em meu trabalho, pela dedicação, competência, apoio e todo conhecimento compartilhado, minha eterna gratidão e admiração pelo belo e árduo trabalho que vocês realizam diariamente.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado Profissional da UFG/Regional Catalão, por partilhar conosco seus saberes e práticas, por dedicarem seu tempo e conhecimento fazendo parte da nossa História.

Aos professores examinadores da Banca de Defesa, Profa. Dra. Jaciely Soares da Silva e Prof. Dr. Ismar da Silva Costa, que tão gentilmente aceitaram participar e contribuir com esta dissertação.

Por fim, a todos aqueles que colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação, o meu sincero agradecimento.

Aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Paulo Freire

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo relatar a pesquisa-ação realizada durante o curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em História, Regional Catalão. A investigação emergiu das inquietações oriundas da vivência enquanto docente. As dificuldades enfrentadas em sala de aula me despertaram para a necessidade de problematização de questões sobre o ensino e a aprendizagem dos alunos na disciplina de História. Para isso, empreguei a História Cultural como suporte teórico para pensar a História, a Educação Histórica como suporte metodológico para problematizar o desenvolvimento das atividades que envolveram uma perspectiva da pesquisa-ação e o relato de experiência como forma de apresentação do trabalho. A investigação concluiu que, desempenhando o papel de mediação o professor oferece mais autonomia aos alunos. O trabalho com metodologias como a Aula-oficina, por exemplo, utilizando para isso a História Local, oportuniza aos alunos o processo de reflexão sobre suas vivências e o aproxima da aprendizagem histórica, e, por fim, promove o reconhecimento dos alunos como sujeitos históricos.

Palavras Chave: Ensino e Aprendizagem, Pesquisa-ação, Educação Histórica. Relato de Experiência.

RESUME

This dissertation aims to report the action research carried out during the Professional Master's course of the Postgraduate Program in History, Catalan Regional. The investigation emerged from the concerns arising from the experience as a teacher. The difficulties faced in the classroom awoke me to the need to problematize questions about the teaching and learning of students in the discipline of History. For that, I used Cultural History as a theoretical support to think about History, Historical Education as a methodological support to problematize the development of activities that involved an action research perspective and the experience report as a way of presenting the work. The investigation concluded that, playing the role of mediation, the teacher offers students more autonomy. Working with methodologies such as the Classroom, for example, using Local History for this, provides students with the process of reflecting on their experiences and brings them closer to historical learning, and, finally, promotes the recognition of students as historical subjects.

Keywords: Teaching and Learning, Action Research, Historical Education. Experience report.

Introdução – uma abertura ao “eu professora”.

Acreditando que, nós seres humanos, somos motivados a agir pelas experiências vividas e pelas emoções delas decorrentes e a reagir perante o que nos afeta, esta dissertação de mestrado é um exemplo claro de reação às minhas inquietações diante das primeiras experiências como docente.

Durante os anos de 2009 a 2013 cursei História na Universidade Federal de Goiás-Campus Catalão. Lembro-me da primeira semana de aula, no evento da *calourada* quando conhecemos os professores do curso, que hoje posso interpretar como fundamentais na minha formação e farão parte da minha vida para sempre. Aquele era um momento de euforia, pois estava realizando um sonho por cursar uma universidade, lugar este onde poucos da minha família tiveram a oportunidade de estar, minha mãe hoje aos 52 anos tem 4 irmãos e apenas ela conseguiu concluir o ensino superior, hoje ela é professora aposentada, porém, está de volta às salas de aulas, meu pai hoje aos 62 anos, pedreiro tem 7 irmãos e nenhum deles inclusive meu pai tiveram a oportunidade de cursar o ensino superior.

Neste funil que divide desigualmente nossa sociedade eu estava conseguindo ultrapassar barreiras impostas socialmente, porém, o que quero ressaltar aqui, voltando à minha primeira semana como aluna do curso de História é que, naquela semana em um dos momentos de apresentação do curso um dos professores lançou a seguinte pergunta: - porque estudar História? Naquele momento eu tentava justificar minha escolha pelo fato de minha mãe ser professora, portanto, eu seguiria seus passos, mesmo sabendo que não era verdade, escolhi o curso de História de forma aleatória, simplesmente pelo desejo de estar na Universidade, sabia de todos os embates que minha mãe enfrentava diariamente nessa árdua profissão e na verdade não pensava em atuar como docente, porém, sem perceber estava trilhando um caminho sem volta.

Ao longo do curso me interessei cada vez mais pelas disciplinas, algumas mais que outras, todavia, aquela escolha aleatória, sem nenhum motivo prévio, nenhuma paixão pela disciplina se tornou algo que hoje me define. Hoje dez anos depois dessa primeira semana me surpreendi tentando responder a mesma pergunta: - por que estudar História? No entanto, hoje tento responder a esta pergunta a partir de outra perspectiva, quero que meus alunos consigam a resposta para esta questão de forma mais tranquila que eu há dez anos, quero que a disciplina de história deixe de ser mais uma disciplina chata que fala de passado como já ouvi de alguns alunos, quero que eles consigam se reconhecer parte da História,

quero conseguir fazer a diferença assim como meus professores do curso de História da Regional Catalão fizeram a diferença em minha vida.

No ano de 2016 estava vivendo outro momento muito importante, meu maior papel até este momento, havia me tornado mãe, naquele momento desejava a oportunidade de estar mais perto da minha filha, foi quando surgiu uma vaga para professora de História em minha cidade, Nova Aurora, no Colégio Estadual Illydia Maria Perilo Caiado, escola que fez parte da minha vida desde criança, pois minha mãe enquanto professora sempre trabalhou nesta escola e eu cursei todo ensino fundamental I, II e parte do Ensino Médio neste mesmo colégio, logo, eu estava voltando para uma espécie de “casa”. Iniciei meu trabalho como contrato temporário na unidade escolar e não foi fácil, mas eu precisava lutar, mesmo com todas as incertezas que esse tipo de contrato tem – além dos diversos problemas que o ensino público apresenta como a violência contra os professores, desvalorização da sociedade, desvalorização salarial entre outros – confrontei-me com um grande desinteresse dos alunos pelo ensino e este fato não acontecia em específico apenas com a disciplina de História, pois com os demais colegas os problemas eram sempre os mesmos. Esta situação começou a me incomodar muito, era necessário fazer algo para mudar minha metodologia em sala de aula e eu queria conseguir me aproximar dos alunos utilizando a disciplina de História, queria algo que os encantasse, que despertasse neles o desejo de construir um aprendizado a partir da sala de aula, foi então que fui apresentada à discussão da Educação Histórica e, portanto, meu interesse pela presente pesquisa surgiu quando em sala de aula me deparei enquanto professora, com uma nítida dificuldade no ensino e na aprendizagem da disciplina de História.

Inicialmente imaginei que isso se dava pela falta de experiência na prática docente, porém, iniciei um processo de identificação de problemas que estavam além do meu alcance naquele momento. Os problemas identificados iam desde a dificuldade de fazer com que os alunos se interessassem pelo conteúdo como também em motivar o empenho dos mesmos em aprender. Ou seja, como professora me deparava com duas problemáticas que se arrastam há anos, mas que para mim eram novidades e me causaram muita surpresa, por isso compreendi que eram questões que precisavam ser problematizadas, analisadas e colocadas como foco de ação efetiva.

Durante a problematização e análise das questões mencionadas anteriormente, tive conhecimento que uma grande parcela dos professores já tentava o desenvolvimento de técnicas e processos de ensino com a finalidade de amenizar ou minar o descaso e/ou a falta de interesse dos alunos frente aos conteúdos propostos. Diante disso, compreendi que os

problemas enfrentados no ensino e na aprendizagem não se restringiam apenas a mim, como professora da área de História, mas também aos demais colegas. Ou seja, o que eu propunha como pesquisa dentro do PPGH – MP caminhava ao encontro de tantos outros professores que semelhantes a mim, buscam alternativas plausíveis para enfrentar os problemas no ensino e na aprendizagem em História e ou outras disciplinas.

Quando discutimos sobre ensino e aprendizagem, percebo que é necessário antes refletir sobre os dois processos separadamente. Para as autoras Weisz e Sanches (2001), não existe um processo único de “ensino-aprendizagem”, ou seja, ensinar e aprender são processos distintos, porém, ambos devem manter um diálogo constante. De acordo com as autoras, o processo de aprendizagem é desenvolvido pelo aluno, e o de ensino pelo professor, nesse sentido eles se comunicam, mas não se confundem. Em sala de aula acredito que em diversas situações este conceito apontado por Weisz e Sanches (2001) se aplica, porém, por experiência pessoal posso dizer que nós professores também aprendemos com nossos alunos, pois situações proporcionadas pela sala de aula são exemplos dessa possibilidade. Dessa maneira, compartilho do pensamento das autoras sobre ser papel do professor organizar situações de aprendizagem para seus alunos, ou seja, atividades planejadas, a realização das aula-oficinas é o que as autoras supracitadas apontam como valorização dos saberes construído fora das situações escolares, o que oportuniza aos alunos tomarem consciência do que e de quanto sabem.

[...] o desafio do professor é armar boas situações de aprendizagem para os alunos [...] Para que o aluno possa pôr em jogo o que sabe a escola precisa autorizá-lo e incentivá-lo a acionar seus conhecimentos e experiências anteriores fazendo uso deles nas atividades escolares. (WEISZ E SANCHES, 2001, p. 67).

Dessa maneira é visível a importância da elaboração das atividades desenvolvidas pelo professor, tornando-se essencial e imprescindível o processo rotineiro do trabalho docente que é a preparação das aulas. Porém, percebo também a necessidade de aproximação dos conteúdos previstos na matriz curricular com a realidade dos alunos. Neste sentido a realização de oficinas que é o foco da discussão apresentada nesta dissertação se apresentou como uma ferramenta de inúmeras possibilidades, visto que, na realização das aula-oficinas um dos objetivos é que os alunos consigam se reconhecer parte do processo histórico,

reduzindo a distância entre a História propostas pelos livros didáticos, que constroem heróis e exclui da História Oficial presente nos livros didáticos o sujeito que diariamente esta produzindo sua própria História.

A opção por transformar a dissertação em um relato de experiência, sugestão da banca de qualificação, se deu por 2 motivos. Um primeiro de ordem prática foi o moroso trato com o comitê de ética da UFG, que inviabilizou a proposta inicial de trabalho de conclusão de mestrado que era a realização de uma pesquisa-ação. Mesmo, assim como estava em sala de aula fui realizando as oficinas e as desenvolvendo normalmente, como parte também da formação que recebia no curso de mestrado. O segundo motivo se deu quando finalmente tive a autorização para o trabalho de pesquisa com pessoas: meu contrato de trabalho foi encerrado e eu não mais tinha acesso à escola. Ainda, assim não queria que todo aquele trabalho realizado sob inspiração do mestrado se perdesse e, conforme a sugestão da banca de qualificação e de novas reflexões com a orientação resolvi transformar meu trabalho em um relato de experiência. Isso significou mudar o tom de redação da dissertação e me colocou numa outra perspectiva de trabalho, ou seja, olhar e contar minha atuação profissional, balizando esse contar com as problemáticas teórico-metodológicas com as quais me defrontava no mestrado.

Quando se pensa em todo o trabalho do professor, nas estratégias utilizadas para alcançar o interesse dos alunos, motivando-os, é impossível não voltar à formação profissional do mesmo e pensar sobre o período de graduação. Este é o momento em que os graduandos são preparados para o exercício do magistério, quando se cria uma grande expectativa sobre o dia a dia em sala de aula e há uma ansiedade sobre quais os futuros enfrentamentos, as políticas educacionais e o cotidiano escolar, entre outros, com os quais os profissionais vão se deparar. Tem-se, ainda, durante o curso, a oportunidade de vivenciar a experiência em sala de aula, mesmo que em um curto espaço de tempo, durante o Estágio Supervisionado. Esse se constitui o primeiro contato do aluno graduando em História com a realidade escolar.

Todavia, embora sendo amparada com o suporte do Estágio Supervisionado, disciplina obrigatória para os alunos de licenciatura, penso que o tempo dedicado ao Estágio se torna insuficiente quando falamos sobre colocar em prática a teoria estudada durante o curso. O contato com os alunos e com toda a realidade do processo educacional poderia se estender por um tempo maior, exemplo disso é o que acontece em programas como o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que funciona como um programa de iniciação à docência e possibilita aos discentes uma aproximação maior com a prática

escolar. Por esse motivo deveria ser acessível a todos os alunos, pois, além de permitir a aproximação à docência, auxilia os estudantes universitários com as bolsas.

Compartilhando o pensamento de Pimenta e Lima (2008), penso que Estágio realizado em forma de pesquisa possibilita e amplia a formação do futuro professor. Segundo as autoras mencionadas, o movimento de valorização de pesquisa em Estágio no Brasil iniciou-se na década de 1990, quando os primeiros debates sobre o distanciamento da teoria e prática tornaram-se evidentes.

[...] tendo por base a concepção do professor (ou futuro professor) como intelectual em processo de formação e a educação como um processo dialético de desenvolvimento do homem historicamente situado, abriu espaço para um início de compreensão do estágio como uma investigação das práticas pedagógicas nas instituições educativas. (PIMENTA e LIMA, 2008, p. 11).

Dessa forma, desconstrói-se a ideia de formação técnico-profissional, em que o Estágio se apresenta como parte final de um ciclo, que pressupõe a aplicação da teoria na prática, o que seria a aplicação da ciência. Para Pimenta e Lima (2008), um profissional assim formado não é capaz de dar respostas às situações que surgem no cotidiano da sala de aula, pois tais respostas vão além dos conhecimentos elaborados pela ciência.

As autoras ainda salientam a importância da valorização da pesquisa na ação dos profissionais, que vai ao encontro ao que propus ao longo da minha pesquisa de mestrado, fruto das expectativas frustradas do primeiro contato com a realidade da sala de aula. Minhas respostas surgiram ao longo da vivência docente, por isso, espero que a realização do Estágio em forma de pesquisa contribua imensamente para diminuir o distanciamento que senti quando iniciei minha jornada na Educação.

Entre esses desafios que vivi durante esta jornada, percebi que muitos aspectos poderiam ser apontados como possíveis gatilhos para o desempenho do professor e dos alunos em sala de aula, entre eles, o material didático disponível, a estrutura escolar, o incentivo à realização de projetos, parcerias com órgãos de fomento que invistam na escola pública.

Mesmo que tais fatores sejam importantes, observo que a ausência de interesse por parte dos alunos seja um dos maiores agravantes nesse processo de ensino e aprendizagem, pois o desinteresse dos alunos e alunas de alguma forma também influencia o professor em sua atuação em sala de aula. Não conseguir atingir minimamente os meus alunos por muito tempo me frustrou, me fez questionar o que estava errando, se estava preparada para estar em sala de aula, o que era preciso mudar, por isso motivar os alunos era o passo inicial. Entender que o processo de ensino-aprendizagem deve dialogar levou certo tempo e

minha prática em sala de aula foi fundamental para isso. Estar em sala de aula e transformá-la em meu campo de pesquisa auxiliou imensamente na busca para minhas inquietações. Para Weisz e Sanches (2006, P. 65) “nesse diálogo entre professor e aprendiz, cabe ao professor organizar situações de aprendizagem”.

Atuando como professora, percebo, ao longo do tempo que estou em sala de aula, que além de desempenhar nosso ofício, ministrando aulas, nossas preocupações ultrapassam este espaço, uma vez que compreendemos que os problemas pessoais e sociais que os alunos possuem acabam refletindo em seu desempenho e comportamento em sala de aula.

Diante desse quadro, acredito que a disciplina de História encontre maiores problemas que as demais disciplinas escolares, isso quando penso na própria dinâmica na abordagem dos temas históricos. Considerando que a parte teórica, a leitura e discussão de textos, são vistos pelos alunos como uma carga pesada, já que há uma dificuldade de aproximação entre a sua realidade cotidiana e os conteúdos ministrados. Não raro questionam o porquê de estudar história. Em conjunto à falta de empatia, convive-se, ainda, com a fragilidade de conteúdo adquirido em séries anteriores, por exemplo, os alunos do 1º ao 4º ano do ensino fundamental I fazem parte de um programa de promoção automática (ou seja, apesar das dificuldades apresentadas na série em que estão, serão aprovados para a próxima), muitos alunos, como consequência disso carregam dificuldades de leitura, interpretação e análise de textos, fundamentais para a disciplina de história, Acompanhei tal fato quando percebi que existem alunos cursando o 9º ano do Ensino Fundamental que apresentam dificuldade tanto na escrita, como também na leitura e, por conseguinte, na interpretação dos textos históricos. Esse é um dos pontos que a pesquisa nos leva a pensar: até que ponto é benéfico para nossos alunos esse programa de aprovação automática? Ainda que se saiba que a reprovação, por si só, não resolveria tais problemas sendo mesmo criadora de novos problemas.

Assim, foi que tomei tais questões como problemas para serem discutidos e analisados pela pesquisa e que eu pudesse problematizá-los no momento em que os vivia. Naquele momento, 2017, eu era a professora de História de alunos e alunas do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Illydia Maria Perilo Caiado, localizado na cidade de Nova Aurora-GO, e estava imersa no cotidiano escolar junto à coordenação Pedagógica, direção e alunos. Optei por trabalhar com essa turma pela possibilidade de participar e intervir no processo de ensino e aprendizagem. Eram 21 alunos, com idade entre 13 e 15 anos. Na

cidade de Nova Aurora o Colégio Estadual Illydia Maria Perilo Caiado é único e que atende a Educação Fundamental do 5º ao 9º.

Eu ansiava por intervir diretamente na escola e naquele momento a proposta da pesquisa-ação se justificava, primeiro porque eu acredito na importância de se discutir sobre o ensino e a aprendizagem dos alunos na disciplina de História em sala de aula. Uma pesquisa permite refletir que os problemas enfrentados, como já mencionados, não sejam restritos a mim, como professora, mas ao ensino em geral, atingindo os demais colegas de trabalho que também possuem seus enfrentamentos no cotidiano escolar. Segundo, porque compreendo que a educação escolar não tem sido vista e contemplada como prioridade ou meta em longo prazo por nossos governantes descaso esse que vejo como um problema que precisa ser analisado e questionado.

Por esse motivo, penso que é na sala de aula, como um espaço transformador, que o processo de ensino e aprendizagem tenha papel primordial para modificar a realidade do ensino até então imposta. Noto que é preciso ir além do mérito de tão-somente formar alunos. Defendo que estamos neste espaço para formar cidadãos críticos, que compreendam seu papel na sociedade, e que busquem mudar seus caminhos, que não sejam acomodados com a situação atual, na qual muitos alunos estão inseridos, pois, parece-nos que muitos buscam na escola apenas o certificado de conclusão e não conhecimento, que compreendo ser mais importante, pois é intransferível.

Com isso observo que os problemas relacionados à questão do ensino e aprendizagem na disciplina de História, ou em outras disciplinas que se apresentam no currículo do Ensino Fundamental das escolas públicas, não se resolvem sozinhos nem tão somente pelas mãos de alguns setores da sociedade. Por isso, a relevância da problemática que pude tecer, entendendo a escola não como algo monolítico, mas como parte de um todo que para sua transformação precisa mobilizar todas as instituições envolvidas no processo de ensino e aprendizagem: comunidade escolar, governos e comunidade científica, especialmente aquela que tem como seu objeto de estudo esse espaço.

Acredito que o trabalho que realizei possa sinalizar na direção de possíveis mudanças a fim de melhorar o cenário atual, fazendo com que cada uma das partes envolvidas verifique seu papel no processo de ensino e aprendizagem. Se uma transformação para melhor é possível, refletir sobre a forma como o ensino vem sendo desempenhando ajudaria a enfrentar os problemas não com o intuito de apontar responsáveis, mas sim de identificar possíveis agentes de transformação que colaborem para o sucesso do ensino que, pode-se

defender, é construir pessoas melhores, conscientes de si no mundo, conscientes de sua história e de sua importância social.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho de conclusão do mestrado é relatar como minhas experiências em sala de aula, baseadas nas questões teórico-metodológicas da Educação Histórica, impactaram na minha atuação em sala de aula, mas também na percepção que os alunos tinham da História e de sua condição de sujeito histórico, que a partir de suas experiências também compõem o que chamamos de história.

De forma específica busquei identificar o papel do professor da disciplina de história na formação dos alunos, através de como apareciam seja no trato com os temas da história, seja nos problemas relacionados à questão do ensino e aprendizagem no ensino de história. Nesse processo, foi importante relacionar a teoria da História e a teoria da Educação Histórica, principalmente na sua proposta de aulas-oficinas como metodologia de ensino.

De forma reflexiva, eu percebo que o que me moveu a desenvolver o trabalho em sala de aula, e agora apresentá-lo como relato, foi a busca por entender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem na disciplina de história. Para tanto, precisei compreender e analisar questões paralelas ao que tinha como foco, a sala de aula, que se inserem como problemas e dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem. Entre elas, e como já mencionados: o descaso e dificuldades dos alunos, ausência da família e/ou responsável no ambiente escolar, falta de incentivo por parte das políticas públicas e governantes, entre outros.

Nesse outro embate penso também analisar quais são as visões de mundo que o ensino de história consegue construir nestes alunos, de que forma poderíamos mudar o atual conceito da disciplina perante eles. Optei, nesse sentido, por interpretar o trabalho que realizei tendo a História Cultural como suporte teórico para pensar a História, e a Educação Histórica como suporte metodológico para problematizar o desenvolvimento das atividades que envolveram uma perspectiva da pesquisa-ação. Nesse texto, pude dialogar com autores como Maria Auxiliadora Schimdt, Isabel Barca, Luís Fernando Cerri, entre outros, que contribuem para pensar a consciência histórica, tal como proposta inicialmente pelo alemão Jörn Rüsen, partindo do conceito de que todos nós, seres humanos, possuímos consciência histórica, e de que os homens não estão predeterminados pelo seu passado, mas precisam estabelecer com esse passado algum tipo de relação, já que nele está sua cultura, os processos de formação de suas identidades, suas experiências de vida.

Durante a execução das aulas-oficinas, apresentei aos alunos a perspectiva de que todos nós somos seres históricos, que a história não está restrita aos grandes heróis ou aos grandes feitos, mas a história faz parte do nosso cotidiano, ao andar pela nossa cidade, por exemplo, estamos elaborando e reelaborando a história. A partir dessa perspectiva, problematizei, ainda, para as aulas-oficinas, mas também para reflexão sobre o trabalho que realizei, o conceito de representação defendido por Roger Chartier (2009), pois este autor nos dá suporte para pensar como os alunos constroem sua visão de si e do mundo e como o ensino de História colabora para tal construção ao criar ou mesmo ao difundir representações sobre o passado. Nesse caso, a relação entre essas representações sobre o passado, e como dessas os próprios estudantes criam as suas, foi um horizonte de interpretação das atividades que aqui exponho e analiso.

A partir dessa percepção, uma atenção cuidadosa aos sujeitos do ensino de história, se fez necessário problematizar o próprio do papel do professor no ensino de história, na vida escolar dos alunos. Diante disso, entendo que seja necessário compreender que,

[...] um dos elementos mais importantes do processo é o professor. Este domina um conjunto de saberes, e a educação realiza-se por meio de seu trabalho de planejamento e desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem, sendo investido de autoridade acadêmica e institucional. (FONSECA, 2013, p.19)

Compreendo, assim, que, como nas demais disciplinas oferecidas no Ensino Fundamental, há muito tempo que o professor não é mais visto como o detentor do conhecimento absoluto, mais sim como parte no processo que busca o conhecimento, ou seja, na atual conjuntura educacional, o professor se localiza como mediador no processo de ensino e aprendizagem. O papel do professor tem ganhado outras dimensões nos últimos tempos, ouve-se, por variados meios, discursos que desvalorizam a profissão: só é professor quem não tem opção de trabalho ou formação; por outro lado, criminalizam o professor como um “doutrinador”, sendo, pois, má influência sobre os alunos e, por isso mesmo, há essas tentativas de cercear o exercício docente. Muitos chamam de amarras ideológicas a tentativa incansável dos professores em possibilitar aos seus alunos se reconhecerem como parte da sociedade e da história. Muitos veem a educação como um cursinho preparatório para o mercado de trabalho, visão essa que busca transformar as escolas em um lugar para treinar mão de obra barata e qualquer pensamento contrário a isso é compreendido como militância política.

Desde 2016, a conjuntura brasileira de ensino tem assim se mostrado e são tempos sombrios o que os professores enfrentam atualmente, frente a projetos que buscam cercear a liberdade do professor em sala de aula. O objetivo desses projetos é impedir que ele exerça seu ofício através da temível “lei da mordaza”, especialmente na disciplina de História.

Defendo que não se pode chamar de doutrinador alguém que a todo o momento busca o questionamento em seus alunos, que quer despertar a criticidade, que quer fazer com que esse aluno se reconheça como sujeito, construtor da história, personagem central da sua história. Esta reflexão, portanto, caminha no sentido contrário ao cerceamento da liberdade do professor: busca não só despertar para a importância da profissão como também para a condição do professor como aquele que abre as portas ao pensamento livre, para que os sujeitos possam fazer suas escolhas conscientes do que elas significam, sejam quais forem.

Por esse viés, entendo que existem várias formas de se adquirir conhecimento e, que esse processo não se restringe apenas ao espaço escolar, ele se constituiu apenas parte desse processo. Assim sendo, o professor se torna parte de um projeto educacional. Com isso, busquei compreender de que forma o professor se posiciona neste projeto educacional. Quais as ferramentas que o professor possui, enquanto mediador do processo de ensino e aprendizagem, para colocar em prática os conteúdos estabelecidos pelo Estado? Como se estabelece esse processo de ensino e aprendizagem entre professor e aluno? Quais os interesses, ou não, dos alunos sobre a disciplina História?

Percebi que a essa problemática se ampliou frente as condições nas quais o processo de ensino e aprendizagem se desenvolve, porque é preciso pensar quais os fatores internos e externos, diretos e indiretos, estão vinculados a esse processo. Uma vez que entendo que o processo não se restringe apenas a aluno e professor, mas há diversos outros fatores que de alguma forma prejudicam ou colaboram para tal processo.

Dessa forma, a presente dissertação foi pensada em dois capítulos: o primeiro capítulo, cujo título é “Reflexões sobre o ensino e aprendizagem na disciplina de História a partir da História Cultural e da Educação Histórica” abordará reflexões sobre o ensino e aprendizagem na disciplina de História a partir da História Cultural e da Educação Histórica, quando será feita uma discussão teórica com as visões apresentadas pelos autores que compõem o referencial teórico da pesquisa, apontando como as duas caminham juntas. O segundo capítulo, com o título: “Um olhar de reconhecimento: O ensino de História e sua conexão entre o passado e o presente dos alunos” será o relato da experiência de trabalho com a docência em história que aqui tomo como fonte da pesquisa em si: como aconteceu, quais as

fontes analisadas, quais os indivíduos envolvidos, suas contribuições, os resultados alcançados.

Capítulo I

Reflexões sobre a disciplina de História a partir da História Cultural e da Educação Histórica.

Neste capítulo, quero discutir alguns aspectos da disciplina de história, compreendendo sua importância para o desenvolvimento individual e social dos alunos. Parto do princípio de que o ensino de história deve ir além de elementos, como, por exemplo, decorar datas comemorativas e nomes de heróis; defendo que ensino de História deve apresentar um caráter transformador, fazendo com que o aluno consiga se reconhecer parte deste processo de construção da história ao longo do tempo e do espaço (BITTENCOURT, 2009). Nesse sentido, vale compreender a História como a “ciência dos homens no tempo”, tal como defendido por Marc Bloch, ainda na primeira metade do século XX.

Segundo Santos (2013), o ensino de História na atualidade possibilita aos estudantes fazer uma releitura do mundo social no qual estão inseridos, compreendendo que existe uma construção histórica sobre a realidade.

O estudo da História nos permite compreender que nada no mundo social é natural, algo nenhum é fenômeno imutável, os acontecimentos sociais e naturais estão num movimento de intensa mudança, tendo em vista que o ensino da História nos permite perceber essa oscilação que é o mundo humano, construído no tempo, de forma a não aceitar verdades postas, absolutas e inquestionáveis. (SANTOS 2013 p.62).

Assim, ao estudar esse mundo humano, a disciplina História permite aos alunos perceberem que os acontecimentos sociais estão em constante mudança, e seria, portanto, o ensino de História o responsável por essa visão de que a transformação constante é característica fundamental das experiências humanas e sempre passível de novos questionamentos, pois as mesmas não são imutáveis. Pode-se considerar sobre este aspecto, outra característica básica da História: o fato de não existir uma verdade, uma vez que a construção dos processos históricos perpassa pela subjetividade de cada indivíduo e, mesmo por como o passado é pesquisado, interpretado e dado a ler pela Historiografia em suas múltiplas abordagens e concepções e, ainda, como esse chega à sala de aula, tanto nos materiais didáticos, como pela ação do próprio professor ao fazer suas escolhas teóricas metodológicas.

Para Fonseca (2003), ao pensarmos o ensino de História associado à construção da cidadania, devemos compreender a história como uma disciplina, fundamentalmente,

educativa, emancipadora e libertadora, que possui ainda o papel de formar nos homens a consciência histórica e de contribuir para que os sujeitos sejam cômicos de suas identidades. A autora faz uma análise sobre a recente história da educação brasileira, relacionando o ensino de história e a construção da cidadania. A problemática elaborada por Fonseca faz perceber, então, que a partir da década de 1960 e 1970, períodos marcados pela Ditadura Civil Militar Brasileira, existe uma diluição dos estudos das disciplinas de História e Geografia no que conhecemos por Estudos Sociais, em que o ensino era voltado para a formação cívica, e tinha como fundamento teórico a historiografia tradicional positivista e, principalmente, os ideais conservadores e pouco democráticos próprios daquele período.

A partir de 1982, de acordo com Fonseca, com as eleições diretas para o governo nos Estados e a oposição ao Regime Militar em importantes Estados da federação, bem como uma mobilização popular forte, foi desencadeado o que ficou também conhecido como processo de redemocratização do país. Com esse processo, iniciam-se, também, discussões com o objetivo de reformular o currículo escolar, o período correspondente à década de 1980 é caracterizado por Fonseca (2003) como tempo de “repensar” os diversos aspectos que envolviam, naquele momento, a educação, a História e seu ensino. Foi um período extremamente importante para a educação, quando houve a promulgação da 1º Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei 4.024/61). Durante a década de 1990, surgem novas propostas para o Ensino de História, propostas pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Segundo Fonseca, a característica comum para o Ensino de História a partir de então é o objetivo da mesma como categoria de preparação dos cidadãos para uma sociedade democrática. Outro aspecto importante analisado por Fonseca é a organização do ensino de História a partir da década de 1980, quando passa a ser organizado por e temas e problemas.

Inspirada no movimento historiográfico contemporâneo, especialmente na historiografia social inglesa e na nova história francesa, essa proposta defende uma história capaz de “resgatar” as múltiplas experiências vividas pelos sujeitos históricos em diversos tempos e lugares. Busca-se romper com a linearidade, com os determinismos de caráter teleológico das outras propostas. (FONSECA, 2003, p.93)

Para Fonseca, a História apresenta-se como um campo de possibilidades, não possuindo, portanto, um começo meio e fim determinados, sendo necessário que o trabalho do professor caminhe, então, por problemas da realidade social vivida. No entanto, o que se percebe, até mesmo nos materiais didáticos, é uma permanência da cronologia como diretriz

da história. A maioria dos livros didáticos, inclusive os que trabalhei em sala de aula, ainda mantém a perspectiva quadripartite da História.

Assim sendo, por tais aspectos, sinalizamos como mudanças nos processos formativos dos profissionais de História – ampliação dos cursos de graduação e pós-graduação, por exemplo, impactaram também nas maneiras de ensinar História, tal como percebe Fonseca. Isso tudo me inspirou a pensar o processo de ensino e aprendizagem a partir do papel do professor, analisando ao mesmo tempo como o professor é responsabilizado pela sociedade pelo resultado apresentado pelos alunos (BITTENCOURT, 2009). Se antes, em momentos em que prevalecia um ensino tradicional de orientação positivista, esse profissional se detinha na responsabilidade de *repassar* o conhecimento – nesse processo o professor era o detentor do saber e o aluno apenas recebia esse conhecimento –, hoje o professor, ou, pelo menos, uma boa parcela deles, tem como objetivo auxiliar na aquisição do conhecimento e fazer com que seus alunos tenham uma visão crítica sobre o mesmo. O professor, nessa perspectiva, deve também ensinar seus alunos a pensar e questionar sobre todas as informações adquiridas durante a aula.

As ações “extra muro” que se empreende, mostraram que educar não é só transmitir conhecimento, mas multiplicá-lo, socializá-lo. Pois, à medida que a comunidade, onde o estudante está inserido, percebe esta interação da universidade com as escolas, o que inclui educandos, educadores, diretores, pais, funcionários, ela também passa a interagir conosco. (SILVA, GIORDANI, MENOTI, p. 4, s/d).

De acordo com as autoras supracitadas, o profissional professor é de extrema importância para a comunidade como um todo, pois ele influencia no conhecimento que circula e que da escola se expande para os grupos nos quais os alunos se inserem. Oliveira (2018), seguindo a mesma linha de raciocínio, salienta que o professor não é apenas o transmissor das informações, mas este atua como um gerenciador do conhecimento, que deve valorizar a experiência e o conhecimento de seu aluno na busca de sua formação como pessoa capaz de pensar, criar e vivenciar o novo, assim como da formação de sua cidadania.

Oliveira (2008) problematiza a prática pedagógica, sobre o repasse e memorização das informações dos alunos para posterior avaliação. Esta prática não se insere no novo ensino baseado na construção do conhecimento. Ser professor atualmente implica em produção de conhecimento junto com os alunos, não é apenas *repassar* o conhecimento apreendido no ambiente acadêmico, mas atuar como mediador no processo ensino e aprendizagem.

O ambiente escolar é um espaço muito importante na formação dos estudantes, uma vez que nele é que acontece a intervenção pedagógica, porém a escola não é o único lugar no qual o processo de aprendizagem pode acontecer.

A sociedade atual é de modo eminentemente pedagógica. Conforme Libâneo (1998, p.2):

Há práticas pedagógicas nos jornais, nas rádios, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos, revistas; na criação e elaboração de jogos, brinquedos; nas empresas, há atividades de supervisão do trabalho, orientação de estagiários, formação profissional em serviço.

Para Libâneo, a sociedade atual é extremamente pedagógica, segundo o mesmo podendo ser chamada de sociedade do conhecimento. Para exemplificar seu pensamento ele aponta a presença do poder pedagógico inclusive nos meios de comunicação, (TV, imprensa, escrita, rádio, revistas, quadrinhos). No entanto, o autor, falando nos anos 1980, ainda não tinha dimensão do que viria a ser o impacto da Internet como rede de circulação de informação¹. Ainda que não possa fazer uma digressão sobre esse tema, o mesmo na atualidade – estamos a 40 anos do autor – tem rendido uma extensa bibliografia e se torna tema chave para compreendermos como se aprende e se ensina história no Pós-2000.

Segundo Vania Aparecida Marques Leite, mestre em Psicologia da Educação e professora do curso de Graduação em Pedagogia UCSP, a aprendizagem é um processo natural do ser humano, e que a escola não é o único lugar em que ela ocorre. Para corroborar seu pensamento, Leite apontou duas teorias, já superadas, mas que tiveram grande influência nas formas de aprender e ensinar ao longo do tempo: primeiro a aprendizagem vinculada ao processo de memorização, ou seja, acumular informações. “a educação é entendida como um processo simples de transmissão de conhecimento e o aluno como um receptáculo vazio de informações” (LEITE, 2012 p.7). Essa teoria, posso afirmar pela minha própria experiência, teve um longo impacto sobre o ensino e a aprendizagem em História. Não raro, ainda na atualidade, uma interpretação de senso comum sobre o que é o ensino de História, o toma como um processo de que os alunos saibam datas, fatos, nomes e lugares do que seria a História. Esse processo impunha um cerceamento de se entender o que significam certos

¹ Sobre esse tema, como dito no texto, há uma imensa bibliografia, mas a título de introdução, indico o interessante artigo de Marcos Silva “Ensino de História e Novas Tecnologias, disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/historia_artigos/2silva_artigo.pdf.

processos bem como questionamentos sobre sujeitos e condições de Historicidade. Nessa teoria, a História se ocupa de uma verdade única, inquestionável. Essa é uma discussão ampla, com implicações na história do Ensino de História no Brasil, conforme artigo Reflexões sobre o Ensino de História de Circe Maria Bittencourt (2018)

Ainda segundo Leite, uma segunda teoria sobre a aprendizagem estaria relacionada à hereditariedade e a maturação neurológica. Isso determinando quando certos conteúdos e temas poderiam ser tratados com os alunos, o que implicaria em uma hierarquia de saberes possíveis ou não para faixas etárias, grupos étnicos ou outras formas de separação. Porém, Leite aponta que, em estudos posteriores que receberam contribuições de diversas áreas do conhecimento, as concepções sobre aprendizagem foram se modificando, já que a mesma passou a ser pensada como um fenômeno multideterminado, composta por fatores internos e externos ao meio (contexto familiar, cultural, social e educativo).

A escola também deve proporcionar ao professor condições de atuação que contribuam na formação e na construção dos conceitos de cidadania e diversidade de seus alunos. A escola pública, e aqui me valho da escola na qual atuei como professora e que pude tecer minhas percepções sobre o ensino, sofre com muitos problemas estruturais e também financeiros. E, apesar de não ser uma novidade, é importante destacar esse aspecto, pois é um dos motivos pelos quais muitos professores não conseguem implementar de forma concreta sua metodologia de ensino, ficando muito restrito às ferramentas tradicionais – quadro, livro didático e giz – que é o que se tem à mão.

As ferramentas tecnológicas, que parecem ser tão atrativas aos alunos, é objeto de luxo dentro da escola pública. A falta de investimento em equipamento e de profissional para a manutenção de equipamentos é notória, de forma que estimular os alunos à realização de pesquisas dentro da disciplina de História, algo tão possível, é quase sempre inviável, pois a escola não consegue oferecer o suporte de pesquisa necessário, seja uma biblioteca, seja o computador (que esteja funcionando), e a internet (que não atende a toda a escola), nem os alunos têm esse acesso por vias próprias.

Rememorando minha atuação no Colégio Estadual Illydia Maria Perilo Caiado, cujos estudantes, em sua maioria, não possuem acesso a computadores e a internet em suas casas, pois são crianças que vivem em situação de pobreza, noto como se faz complexo desenvolver projetos de ensino na escola pública. A pesquisa em bibliotecas também é impossibilitada pois, por Nova Aurora por ser uma cidade muito pequena não possui bibliotecas públicas, com suporte de pesquisa amplo. Posso tomar como exemplo dessa deficiência a dificuldade que foi

desenvolver as aulas-oficinas, dentro do projeto: “**Revirando o Baú do Tempo**”². Quando foi necessária a pesquisa sobre a vida do político Getulino Artiaga Lima³, muitos alunos apresentaram como dificuldade de pesquisar sobre quem foi o mesmo por não ter acesso à internet, o que os impedia de ver como os jornais trataram o assassinato na década de 1950.

Nesse sentido, tive que usar a criatividade e criar uma solução para que os alunos pudessem fazer o trabalho e por isso foi necessária a utilização dos equipamentos disponíveis na escola – Datashow – e meu computador pessoal para apresentar aos alunos um documentário sobre a vida de Getulino Artiaga de Lima e sobre o assassinato dele na cidade de Nova Aurora /GO, que era o assunto principal e que despertou muita atenção dos estudantes. Neste momento me deparei com alguns outros óbices como o laboratório de informática fechado por falta manutenção técnica dos equipamentos. Nesse aspecto, o bom funcionamento da sala de informática e de acesso à internet auxiliariam na autonomia dos alunos durante o processo de pesquisa, pois eles poderiam realizar a mesma de forma individual ou em pequenos grupos, orientados por mim, mas estariam a buscar suas próprias informações, e durante o processo de pesquisa construiriam o seu processo de aprendizagem.

Durante a realização dessa atividade, a cada novo passo, percebia que não era possível pensar o ensino apenas a partir do professor e da escola, era preciso inserir nesta discussão outra instituição que contribui para o sucesso do processo ensino e aprendizagem, a família. De acordo com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A participação da família no contexto escolar é muito relevante, pois cabe à família orientar os alunos sobre os valores morais, individuais, culturais e mesmo sobre como

² O Projeto para realização das aulas-oficinas foi pensado como metodologia para desenvolvimento da pesquisa. Durante as aulas do mestrado cada vez mais comecei a tomar conhecimento sobre esta metodologia e percebi que seria ideal para utilizar em minha sala de aula, pois era a oportunidade de trabalhar com história local e a história cultural. O projeto “Revirando o Baú da História”, foi desenvolvido como forma de oportunizar aos alunos conhecer a História da cidade de Nova Aurora, apesar de muitos alunos estarem envolvidos em manifestações religiosas e culturais importantes para a História Local da cidade. O projeto foi aplicado dentro do Colégio Illydia durante o ano letivo de 2018 e o primeiro semestre de 2019.

³ Filho de Joaquim Raimundo Lima e Carolina Artiaga Lima, Getulino Artiaga nasceu em 19 de julho de 1913, na cidade de Itaberaí, GO. Foi militar e Deputado Estadual, PSD, Constituinte e 1.ª Legislatura, 1947-1951. Foi assassinado dia 08 de setembro de 1950, no exercício do mandato, na cidade de Nova Aurora, GO. <https://portal.al.go.leg.br/deputado/perfil/deputado/1642> acesso dia 02 de janeiro de 2020.

lidar com o mundo. A família aparece-nos como a responsável por estabelecer regras que os alunos assumiram e colocaram em prática durante sua vida em sociedade e nesse momento inicial na escola.

Pode-se afirmar que os valores morais que são orientados pela família fazem com que os educandos reconheçam a escola como espaço de exercício de cidadania, com direitos, deveres, normas e regras, uma vez que as instituições escola e família têm objetivos comuns, no sentido de formação do caráter, de construção de conhecimento e de autoafirmação de cada um deles. (OLIVERIA, 2018, p.9)

A família, e nisto nos referimos aos múltiplos modelos de família, independentemente de como ela se estrutura, apresenta-se com fundamental importância, podemos, inclusive, considerá-la um suporte para que os educandos consigam atingir seus objetivos. Isso também porque

A família é o primeiro núcleo social dos nossos educandos. Nada é mais próximo universo dos jovens estudantes que a história da sua família. É nesse núcleo primário onde ocorrem as trocas afetivas, as transmissões de valores, costumes e diversos conhecimentos. Grande parte das experiências boas ou más que estes trazem para sala de aula são aquelas que vivenciaram em seu núcleo familiar. Essas experiências não podem ser ignoradas pelos docentes, porque representam o ponto de partida para a produção de um conhecimento sistematizado em sala de aula. (PRADO e SILVA, 2015, p. 146-147).

Segundo Dessen e Polônia (2007), a família não pode ser definida apenas pelos laços de consanguinidade, pois, os membros das famílias, na contemporaneidade, têm se adaptado aos conflitos estabelecidos por valores antigos. As autoras apontam ainda que o conceito e configuração de família têm evoluído ao longo do tempo para conseguir retratar as relações sociais que existem na atualidade. Definem, então, que “família não é mais vista como um sistema privado de relações; ao contrário, as atividades individuais e coletivas estão intimamente ligadas e se influenciam mutuamente” (DESSEN e POLONIA, 2007, p.24).

A família pode, muitas vezes, não compreender a importância que seu apoio apresenta dentro desse processo de ensino e aprendizagem, porém sua participação é primordial, por isso ela deve atuar em parceria com a unidade escolar e professores, possibilitando assim resultados positivos. No entanto, enquanto professora e pesquisadora, percebo que, existe uma dificuldade em inserir familiares no processo de ensino aprendizagem por motivos e justificativas variadas. Assim, é preciso, também, criar interpretações sobre essa

realidade e sobre como se estrutura uma cultura escolar na qual coexistem sujeitos múltiplos, daí a importância do referencial teórico que se tomou para a nossa reflexão.

1.1 História e Educação Histórica: teoria e metodologia para interpretar as experiências em sala de aula

Até aqui problematizei o ensino de história, processos de aprendizagem, a escola, a família, tentando mostrar de que realidade eu falo e de como esse universo influenciou no meu processo de formação no mestrado. Neste momento, quero mostrar como o mestrado me apresentou perspectivas teóricas que me permitiram modificar minha prática docente e, agora, refletir sobre a mesma.

Durante os primeiros semestres de aula no PPGH/MP, iniciaram-se as discussões teóricas que subsidiariam a primeira ideia de pesquisa. Nesse processo, fiz a escolha pelo referencial teórico-metodológico da Educação Histórica, tal como proposto por Isabel Barca (2001) e Maria Auxiliadora Schmidt (1999). Para essas autoras, a pesquisa sobre o ensino de história não deve ser apenas analítica ou interpretativa, mas sim propositiva, ou seja, é preciso transformar os estudos em pesquisa e ação que intervenham na realidade encontrada, de forma a transformá-la para melhor. Assim, para se valer da Educação Histórica como base teórica e metodológica de uma pesquisa e da atuação em sala de aula, é necessário, antes, compreender que a História não está pronta e acabada, “a História se produz, como qualquer outro conhecimento, através da busca intelectual”. (SCHMIDT, BARCA, 2009, p.08).

Segundo Isabel Barca, a investigação em Educação Histórica surgiu da perspectiva de ligar a teoria à prática, possibilitando assim, ao mesmo tempo, a análise e implementação da aprendizagem real, na qual os resultados já pudessem ser ajustados ao ambiente escolar. Ainda de acordo com a autora, a pesquisa em Educação Histórica, entre outros pontos, promove a reelaboração de uma consciência histórica a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, e em decorrência, a construção da consciência histórica articulada com o conhecimento histórico acessado através da escola.

A partir do momento em que o Ensino de História pode ajudar crianças e jovens a se relacionar com o passado, de forma a dar sentido às suas vidas no presente e no futuro, o saber histórico pode encontrar um novo significado no contexto do projeto e políticas educacionais. (SCHMIDT e BARCA, 2009, p.19).

Para as historiadoras Maria Auxiliadora Schmidt e Ana Claudia Urban, a Educação Histórica surge na década de 1960 na Inglaterra, durante um processo de reestruturação curricular, emergindo do temor de que os estudantes deixassem de estudar História, pois se tornaria uma disciplina optativa. Assim, a partir da década de 1960 e 1970, ocorreu o desenvolvimento de um conjunto de investigações realizadas a partir de trabalhos utilizando novas abordagens e métodos de pesquisa, incluindo nas pesquisas um ensino de História voltado para os interesses dos alunos. Esse movimento foi tomando espaço em vários países, inclusive no Brasil. Na Inglaterra, um dos atuais e principais expoentes dessa proposta é Peter Lee, que tem feito muitos experimentos e refletido sobre como jovens tem aprendido história. A investigação em Educação Histórica no Brasil vem se consolidando desde o fim da década de 1990 com o trabalho investigativo de diversos autores, dentre os quais podemos citar Maria Auxiliadora Schmidt, em seu laboratório de pesquisa em Educação Histórica na Universidade Federal do Paraná.

A Professora Isabel Barca é uma das mais importantes historiadoras portuguesas e tem se dedicado ao estudo do ensino de História para a Educação Básica. Em entrevista à revista Nova Escola, em março de 2013, ela fala sobre o ensino de História e defende a importância de um trabalho em sala com recortes temáticos e, de acordo com ela, esses recortes possibilitam aos alunos estabelecer ligações entre o ontem e o hoje, fazendo dos alunos sujeitos históricos. O que chama a atenção é a percepção que a historiadora apresenta sobre a Educação Histórica, pois ela reconhece como uma nova área de investigação histórica e, ainda, sua preocupação com a Educação Básica, que se assemelha bastante à minha área de investigação, e, também, sobre as estratégias utilizadas por professores de vários países desde as últimas décadas do século XX. Algo muito importante sobre a discussão apresentada por Barca é referente à formação de professores para que aconteça a promoção da Educação Histórica, sobre a necessidade dos professores de História estarem conscientes de tais problemáticas, é, sem dúvida, muito importante a preparação de profissionais interessados em trabalhar a partir da perspectiva da Educação Histórica, pois segundo Isabel Barca, precisamos preparar professores em quadros científicos atualizados. Isso não significa, no entanto, que essa perspectiva seja universal, haja vista que é uma das abordagens da própria didática da História, que em outros autores pode ter outras percepções.

Durante o processo de reflexão, me inspirei muito também em Maria Auxiliadora Moreira Schmidt, pois, de acordo com ela, a Educação Histórica nasce da preocupação sobre os estudantes ingleses preferirem as “estórias” que apareciam na televisão, em vez da escola,

já que, como se disse, a partir dos anos 1960 a disciplina passou a ser optativa nas escolas inglesas. Schmidt considera que foi a partir desse momento de reestruturação curricular e da preocupação de professores com o futuro do Ensino de História que a Educação História se consolidou nas linhas de pesquisa de cursos de pós-graduação. De acordo com Schmidt, essencial nas perspectivas da Educação Histórica seria a tradição do diálogo entre a ciência da História e a prática de ensino. Schmidt destaca ainda que a ênfase no desenvolvimento e formação do pensamento histórico, segunda ela significa,

entender a aprendizagem histórica como uma ferramenta de mudança social e que, para isto, os alunos precisam aprender a reconstruir sua própria compreensão do passado. A construção do passado se dá pela aprendizagem e desenvolvimento do pensamento histórico (SCHMIDT, 2018 p.10).

Para Schmidt, as investigações na área da Educação Histórica no Brasil foram influenciadas por matrizes anglo-saxônica e alemã e vem sendo descritas por vários autores, além de Isabel Barca e Maria Auxiliadora Schmidt, às quais me dedico ao estudo durante a pesquisa. Para Barca (2012), a abordagem da investigação em Educação Histórica nasceu, como já dito, da preocupação em unir a teoria à prática, implementando e analisando situações de aprendizagem reais. “Porque em Educação Histórica a teoria é dinâmica, é na relação entre epistemologia e prática investigativa que ela ganha sentido e se afasta de especulação”. (Barca 2012. p.41)

Aproximo-me das ideias tratadas pela autora Maria Auxiliadora Schmidt, quando a mesma fala sobre a abordagem do professor no cotidiano da sala de aula, com o objetivo de um ensino renovado. Acredito que no momento em que percebo meus alunos e ex-alunos vivendo o imediatismo, no qual a internet é uma ferramenta importante, mas também muito perigosa, e que muitas vezes é erroneamente utilizada como fonte de verdade, nós, professores de História, precisamos utilizar diferentes instrumentos para proporcionar que os alunos criem o que Schmidt chama de vocabulário histórico e, mesmo, um pensamento crítico que saiba questionar, colocar os temas em discussão, ver fontes, interpretar as posições contrárias e colocá-las em relação.

E isso, porque também compartilho do pensamento de Schmidt de que os alunos trazem para as salas de aula ideias próprias sobre o mundo social no qual estão inseridos, porém, como ela própria esclarece, estas ideias, muitas vezes, são insuficientes para apreender

o significado dos fenômenos sociais. Percebemos, assim, a importância do papel do professor, como mediador do processo de ensino e aprendizado, pois os alunos serão motivados e aguçados a realizarem suas próprias pesquisas, construir conhecimento e, assim, conseguirem se reconhecer como sujeitos históricos que possuem uma história e que a mesma não está dearticulada do que estudam na escola ou leem no livro didático, ou lê na internet.

Schmidt destaca a importância da possibilidade de os alunos realizarem suas próprias construções sobre o mundo social. Nessa perspectiva, os alunos não seriam mais apenas receptores passivos das informações dos professores. Isso implica em que a utilização da metodologia da Educação História em sala de aula proporciona aos alunos formular suas próprias hipóteses, construir suas próprias interpretações na sua relação com o mundo em que vivem, pois, como bem coloca Schmidt e Urban (2018), eles são sujeitos sociais, com determinado pertencimento de classe e inseridos culturalmente na sociedade. Para Schmidt e Urban (2018), uma das ferramentas da Educação Histórica é o desenvolvimento do pensamento histórico, que implica segundo Schmidt em entender a aprendizagem histórica como uma ferramenta de mudança social. Porém, para que isso aconteça a autora esclarece que os alunos precisam aprender a construir sua própria compreensão do passado.

A reconstrução do passado se dá pela aprendizagem e desenvolvimento do pensamento histórico, que precisa levar em conta o trabalho com determinadas competências, tais como evidência, narrativa e empatia. (SCHMIDT e URBAN, 2018 p.10).

Sobre o fim da década de 1990, Schmidt mostra em um de seus trabalhos questões didático-metodológicas a respeito do trabalho com conceitos no ensino de História, quando a mesma aponta esse tipo de trabalho, já naquele momento, era visto como parte substancial do ensino de História. Segundo Schmidt (1990), naquele período alguns livros didáticos propunham que os conceitos Históricos fossem trabalhados em forma de exercícios a cada final de capítulo estudado (Assimilação de Conceitos). Segundo a autora, o conceito, nesta circunstância, é visto como produto do conhecimento adquirido pelo aluno, um trabalho diferente do professor em sala de aula no qual o objetivo – Schmidt nomeia de ensino renovado de História – seria o que propusesse a utilização de diferentes linguagens, oportunizando ao próprio aluno a construção e utilização dos conceitos Históricos. Nesse sentido, um conceito não surge de informações, mas de interpretações, elaborações e

proposições sobre os temas problematizados em sala de aula, haja vista, como se verá, o referencial teórico historiográfico que guiou meu trabalho foi a História Cultural.

Fronza e Schmidt (2016) tomam a interculturalidade como categoria para nortear os objetivos da aprendizagem da história e do seu ensino. Segundo os autores, a História deve ter como finalidade ensinar que nós todos fazemos parte do mundo e que nossa dignidade e integridade são tecidas coletivamente, em espaços e tempos diversos.

Uma aprendizagem histórica que leve em consideração a categoria da interculturalidade abre possibilidades para a perspectiva da autoreconciliação e da reconciliação com o outro no mundo, em sua diversidade, no presente e no passado. (FRONZA e SCHMIDT, 2016 p.22).

Demonstrando, assim, que os autores consideram como principal referencial para pensar a ideia de interculturalidade o conceito de cultura.

Fronza e Schmidt propõem, ainda, refletir e dialogar sobre o conceito de cultura e, por sequência, interculturalidade a partir do filósofo Jorn Rüsen e do educador Paulo Freire, esse diálogo, segundo os autores, traz contribuições essenciais, como as categorias do dialogismo e da humanização.

A categoria cultura é fundamental no conjunto da obra do filósofo Paulo Freire. Para este autor, é a cultura que dá sentido às relações humanas [...] para Freire, a cultura é inerente ao existir humano e faz parte do processo de humanização, isto é, o ser humano ao criar cultura faz a si mesma e a sua história, na medida em que é um ser permanente tornar-se e fazer-se. (FRONZA e SCHMIDT, 2016 p.22).

O conhecimento histórico, para Schmidt, não é dado, mas sim construído, sendo possível sua construção a partir de dados da experiência individual. Contudo, como a mesma alerta é preciso ter cuidado, pois, “aprender conceitos não significa acumular definições ou conhecimentos formais, mas construir uma grade que auxilie o aluno na sua interpretação e explicação da realidade social”. (SCHMIDT, 1999 p.149). Ou seja, é também fazer o aluno perceber-se dentro de uma teia de significados que forma a sociedade na qual ele vive, melhor dizendo, como o quer Geertz (2008), dentro de uma cultura.

O historiador e professor Luiz Fernando Cerri (2011) também colabora com nossa discussão, pois, segundo ele, a partir da década de 1960 acontece uma mudança de paradigma da didática da história, no qual o foco da disciplina passa do ensino “decoreba” para a

aprendizagem. Com isso, o professor de história deixa de ser uma espécie de tradutor do passado ou meramente um simplificador de conteúdo. O professor de história é, a partir desta perspectiva, um agente que problematiza junto aos seus alunos, que auxilia os mesmos na construção de sentido do passado e na percepção e reconhecimento das identidades individuais e ou coletivas desses estudantes como sujeitos históricos. Considerando que, para Cerri, a busca de sentido pela própria história, ou pela história da coletividade, é algo intrínseco a todo ser humano. Vemos a importância de dialogar com o passado na busca desse sentido. Segundo o autor: “Temos a necessidade constante de atribuir sentido ao tempo, às origens do mundo, do nosso grupo e da humanidade.” (CERRI, 2011 p.14).

É interessante observar que o professor de história, tal como propõe Cerri, estabelece uma relação entre saber-poder, na qual os professores de história são colocados pelo autor como protagonistas de um jogo que estabelece relações de poder, afirmando que o professor de história poderia, a partir de seu trabalho que é carregado de sua identidade pessoal, política e profissional, participar da constituição das identidades dos outros. (CERRI, 2011 p.16)

Cerri também destaca a importância que a consciência histórica apresenta na história social, destacando como principal a identidade coletiva. De acordo com o autor, nas relações humanas, a consciência histórica ocupa um lugar específico, tudo o que permite que digamos nós e eles compõe identidade coletiva ou social, que por sua vez estaria carregada de diversos outros elementos. Um dos exemplos apontados por Cerri é o nome da coletividade, segundo o autor, essa seria a motivação para justificar um dos primeiros atos na conquista de um povo é dar-lhes um nome diferente daquele pelos quais os indivíduos se reconheçam. Fazendo uma referência à conquista e dominação dos portugueses nas terras brasileiras, o autor cita como exemplo, “negros ou índios” como os outros em relação aos portugueses.

Em diálogo com outros pesquisadores, Cerri faz o levantamento de algumas constatações e hipóteses, por exemplo, “na distância entre a história ensinada na escola, e a história oficial, a história vivida lembrada pela comunidade e transmitida entre as gerações dentro das famílias.” (CERRI, 2011 p.45). Isso infere em como pode-se, no ensino de História, mobilizar a comunidade, a cultura, os grupos de reconhecimento para acessar ao passado e fazê-lo ter sentido para os alunos.

Ou seja, ao utilizar a sala de aula como espaço de problematização, pode-se criar formas de interação entre conteúdo e vida que permitam aproximar os alunos e suas realidades da disciplina de História. Para tanto, uma opção é a utilização da História Local, a valorização

dos sujeitos que contribuíram para a construção da identidade local onde os alunos cresceram e continuam inseridos. Nesse sentido, a proposta de aula oficina apresenta uma perspectiva de ensino de História que a História Geral, muitas vezes com um enfoque oficial, apresentada em livros didáticos, não raro, herdeira de uma cultura europeia, distancia os alunos da possibilidade de se reconhecerem como pessoas que durante sua vida cotidiana, na transição oral do conhecimento, por exemplo, está produzindo e reproduzindo história. De acordo com Aldiceia M. Pereira, a História Local é fundamental para o ensino de história, pois de acordo com a autora:

A valorização dessa especialidade da ciência histórica é recente. Seu surgimento deu-se no segundo meado dos anos 80, trazendo uma nova perspectiva para o ensino de História: a aproximação das pessoas do processo histórico, rompendo com a história objetiva e tradicional, valorizando a historicidade de pessoas comuns. Ao trazer à tona acontecimentos, personagens e lugares comuns ao estudante, possibilita sua aproximação com a disciplina e faz com que perceba a relação dialética entre passado e presente. Tem como objetivo buscar subsídios que auxiliem na compreensão da história das sociedades e seus vínculos com o poder. (PEREIRA, 2017, p. 03)

Nesse caso, vi uma oportunidade de me valer da história local para constituir uma proposta de ensino de história. Reconheci a importância de conhecer a cultura do lugar, ampliando o conceito de cultura – tão fundamental aos estudos de História Cultural – e integrando às práticas e representações culturais do lugar, da cidade na qual eu estava ao ensino de História. Ao trazer essas marcas identitárias para a sala de aula, pude reconstruir os sentidos do passado para os estudantes, permitindo como já dito antes, que a consciência que tem do passado e de si no mundo também pudesse ser reconfigurada. O ensino de história, nesse processo, também pode se tornar um lugar de se pensar como e por que se está ali.

Compartilho, como já dito, com o conceito de cultura apresentado por Clifford Geertz (2008), “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. Para Geertz, a cultura é, nesse sentido, produzida pelo próprio homem, sendo esse homem responsável por interpretá-la.

Se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para as suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela; você deve ver o que os praticantes da ciência fazem. (GEERTZ, 2008, p.04).

Essa concepção de cultura me parece coerente com a concepção de ensino de história da Educação Histórica, pois coloca a prática *pari passu* com seus significados e suas

explicações. Nesse ponto, Geertz inspira a pensar a docência, também, como um espaço de produção de conhecimento científico, em novos moldes, com novas roupagens que se movem no anto de aprender e ensinar. E, nesse sentido, muitas vezes a compreensão do passado passa, ainda, pela compreensão de como as pessoas vivem o hoje, e dão significados a si mesmos, às suas coisas, às suas vivências, às suas práticas, aos seus modos de viver. É o que Chartier, por seu lado, também toma como definição da própria abordagem historiográfica que toma como esteio o conceito de cultura formado por práticas e representações. Ou seja, meu exercício de pensar cientificamente minha prática de docência alinhava a Educação Histórica a uma interpretação cultural da história.

Sandra Pesavento (2005) problematiza o trabalho com a História Cultural e demonstra como são infinitas as possibilidades de fontes de pesquisa quando trabalhamos com a História Cultural. Segundo ela, as pesquisas realizadas a partir da perspectiva da História Cultural, hoje, no Brasil, representam grande parte da produção científica nacional. Podemos citar livros, artigos, dissertações, teses, entre outros. Para Pesavento, essa mudança aconteceu no Brasil na década de 1990 do século XX, porém, anteriormente no final da década de 1960 e 1970 houve o que conhecemos como crise de paradigmas, o que, conforme Pesavento ocasionou rupturas epistemológicas e contradisse marcos dominantes na História. Nesse momento, tem-se uma quebra das “verdades absolutas”, segundo Pesavento “Sistemas Globais explicativos passaram a ser denunciados, pois a realidade parecia mesmo escapar a enquadramentos redutores” (PESAVENTO, 2005 p.9).

Nesse sentido, a Nova História Cultural traz novas questões, novos interesses. Pesavento considera que uma nova dinâmica social foi responsável por essas mudanças. Contudo, isso não representa uma ruptura completa com as matrizes originais. Essa nova corrente historiográfica, que surge no fim do século XX no Brasil e no mundo, chamada de Nova História Cultural ou História Cultural foi impulsionada segundo Pesavento pelos Annales. “A presença da História Cultural assinala, pois, uma reinvenção do passado, reinvenção esta que se constrói na nossa contemporaneidade, em que o conjunto das ciências humanas encontra pressupostos em discussão”. (PESAVENTO, 2005 p.16)

Para Pesavento, o que mais se destaca na História Cultural é a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, com o surgimento de uma multiplicidade de temas e objetos, grande variedade de novas fontes.

Uma explosão, não somente da produção acadêmica e da pesquisa, mas também um marcante fenômeno de mídia. Pode-se dizer que a História Cultural tem exercido uma verdadeira sedução para o público leitor, o que permite aventurar que Clio saiu revitalizada da tão renomada e discutida crise de paradigmas. (PESAVENTO, 2005 p.69)

Dentre as possibilidades de abordagem, pesquisa e fontes a serem analisadas a partir das ideias elaboradas com a História Cultural está, como já apontado, o trabalho sobre História Local. Durante a realização da pesquisa e do desenvolvimento das atividades em sala de aula, com embasamento teórico na Educação História e na História Cultural, pude compreender como é possível abordar o passado em sala de aula realizando aulas-oficinas que possibilitaram refletir com os alunos a História Local e, mesmo produzir conhecimento, dentro dos limites desses próprios alunos, sobre a cidade e suas práticas culturais.

Hoje, atuando como professora do Ensino Fundamental II e Médio, não mais na escola pública, mas em escola privada, percebo que os currículos a serem seguidos pelas escolas são estruturados de forma linear, sendo construídos em marcos da história. Porém, por tudo o que já relatei, compreendo que quando se trabalha com a perspectiva da História Cultural, é possível ter uma diversidade de domínios, como aponta Pesavento (2005), que vai desde a literatura, práticas, religiosas, costumes alimentares, festas a diversos outros caminhos que podem permitir novas interpretações até mesmo desses marcos históricos que os materiais didáticos, especialmente os livros didáticos, insistem em manter.

E, como apresentarei no próximo capítulo, um meio de se fazer esse processo de relação entre a história aprendida na escola e a história e memória do lugar é através da Aula-oficina, metodologia didática fundamental dentro dos preceitos da Educação Histórica. Para Barca (2004), a aula-oficina permite que muitos outros recursos e instrumentos, além da voz, do livro didático e do quadro, possam ser utilizados no desenvolvimento da aula, já que esse modelo de aula permite que os alunos interfiram no processo, seja através da problematização dos materiais didáticos como fontes históricas, seja na busca por outras fontes históricas, seja na sua própria atuação como sujeito da aula e na aula. Dessa forma, a aula-oficina é uma metodologia de aula que pode substituir a aula conferência ou expositiva, modelo de aula no qual o professor fala e os alunos escutam, não tendo papel ativo na sua própria aprendizagem.

Inspirada em Maria Auxiliadora Schmidt, que destaca como um dos temas urgentes da contemporaneidade para se compreender a questão da consciência histórica é a interculturalidade, vejo que me propus a trazer a cultura em sua multiplicidade para a sala de aula quando me propus a mudar o espaço no qual eu era docente. E, ainda, considerando a

interculturalidade como uma categoria norteadora dos objetos de aprendizagem histórica, pois, tanto Schmidt quanto outros autores que lhe são próximos compreendem que a História deve apresentar como finalidade ensinar que todos nós fazemos parte do mundo coletivo, apesar das múltiplas possibilidades de pontos de vista e sentidos que atribuídos a tudo. E, assim, entendo que é preciso uma visão ampla de cultura e de suas relações no tempo e no espaço. O que reafirma a importância do meu trabalho e, também, a importância de o contá-lo.

CAPÍTULO II

Um olhar de reconhecimento: O ensino de História e sua conexão entre o passado e o presente dos alunos

Reconhecer-se como sujeito histórico! Esse foi o objetivo a ser alcançado quando trabalhei com as aulas-oficinas com a perspectiva da Educação Histórica. Minha intenção era aproximar o aluno do contexto histórico, fazendo com que o mesmo se reconhecesse nesse processo. O foco do trabalho era, portanto, o aluno. Porém, sempre considerando que o meu trabalho enquanto mediadora no decorrer do processo de ensino e aprendizado era imprescindível.

Meu tempo como professora no Colégio Illydia foi como se estivesse vivendo uma nova graduação, muitos podem chamar de faculdade da vida, momentos de muita alegria e realização, e extremos de angústia e frustração. Tudo foi importante, e na medida certa para eu conseguir compreender que sempre é possível aprender mais, e se dedicar mais, aceitar que o erro faz parte do processo, e que isso não me torna pior do que ninguém, nem menos capaz. Quando cursei o Estágio não vivi essas emoções com tamanha intensidade, meu Estágio foi realizado nesse mesmo Colégio, mas durante as aulas eu estava sempre acompanhada de uma professora que se preocupava muito com a disciplina da turma, então a todo o momento ela estava presente como uma assistente de turma, porém, a rotina docente é bem mais dura, talvez por isso meu estranhamento tenha sido tão grande, e que bom! Por que eu precisei buscar ser melhor, não apenas para meus alunos e alunas, mas principalmente para mim mesma.

Durante minha pesquisa de graduação em 2013, discuti sobre os afetos a partir da interpretação do romance Nunila de Carmo Bernardes, quando me propôs a pensar como a cultura, ao ser construída por homens e mulheres, cria representações e modelos de afetos, e como a mesma se articula a esses afetos no contexto da representação literária. Em meu texto monográfico de 2013, cheguei à conclusão de que os afetos, sejam quais forem, são o resultado da cultura em transformação, ou seja, dependem de como os sujeitos históricos estabelecem suas relações em um determinado tempo e lugar. Quando determinei qual seria minha problemática para realização desta pesquisa de mestrado entendi que eu já havia sido

escolhida por ela: eu estava respondendo as minhas inquietações, as minhas emoções, as relações que eu estava construindo em sala de aula com meus alunos.

Todo esse processo me conduziu ao mestrado e, no início da pesquisa, o objetivo principal era problematizar o desinteresse dos alunos pela disciplina de História. Qual seria o motivo pelo qual os alunos apresentavam tamanho desinteresse pela disciplina? Como poderíamos mudar suas perspectivas sobre a disciplina de História? O problema estava somente nos alunos? Quais eram as metodologias utilizadas?

Os questionamentos eram infinitos. Dúvidas, frustrações, decepções foram os propulsores da pesquisa e entender que o problema não estava restrito à disciplina História foi como aliviar um peso das costas, porém, não foi o suficiente para aquietar o coração de uma professora em início de carreira. O desejo de fazer com que os alunos se deixassem cativar pela disciplina era, ainda, um desafio, mas conseguir transformar cada aula em um momento menos tedioso e mais cativante já trazia mais alívio aos dias de angústia.

Como colocado, percebi que o desinteresse dos alunos não era exclusivo da disciplina de História e nem motivado por um único aspecto do mundo escolar. Eu fui notando que um dos motivos principais dessa condição era distância entre o diálogo dos conteúdos abordados e a vivência dos alunos, pois eles não conseguiam realizar um paralelo entre os temas apresentados pelo currículo e suas vidas; não conseguiam se reconhecer parte de um discurso que reafirma a construção de heróis nacionais e mundiais, e que, automaticamente, exclui da história oficial a sociedade mais ampla e, muitas vezes, marginalizada e invisível. Mulheres e homens que construíram esse país, que, ainda em maior número, não receberam nenhum crédito por isso, pois suas histórias parecem não merecer ser contadas.

Ou seja, a hipóteses que havia levantado se confirmavam, pois acompanhavam de perto o distanciamento entre os estudantes e uma História dos grandes heróis históricos, indivíduos muitas vezes associados aos salvadores da pátria ou da nação, grandes mitos, criados de forma fictícia ou transformados pela história tradicional. Para muitos alunos, percebi que apenas esses grandes “heróis” poderiam ser considerados sujeitos históricos e, mais um processo histórico, definidos como fato histórico é que era a história⁴, e suas vivências eram anuladas frente a isso. A problemática era, portanto, como fazer com que esses alunos se reconhecessem como alguém que também faz história, e assim conseguir responder

⁴ A discussão sobre fato histórico é muito ampla e aqui não me deterei nela, porém acredito que seja importante problematizar essa questão e, assim, um livro que debate esse tema e fez muita diferença na minha forma de lidar com a ideia de ensino de história e fato histórico foi “O ensino de História e a Criação do fato” (PINSKY, et all, 2009)

à questão tão presente nas salas de aula de História, porque estudamos história tia? Isso é coisa do passado!

Assim, diante desse contexto, optei por trabalhar, durante as aulas-oficina com a perspectiva da História Local, utilizando suas reflexões como forma de aproximar os alunos da aprendizagem histórica, criando a possibilidade de utilizar a realidade próxima aos mesmos como método para aproximá-los da História apresentada nos materiais didáticos, pois notava que esses se apresentavam ainda distantes da sua realidade. Assim, foi percebida a importância da discussão sobre História Local para que os alunos conseguissem compreender a realidade na qual estão inseridos e dessa fazer a relações com as histórias mais distantes.

Os PCNs (1997)⁵ apontam como eixo temático dos anos iniciais, também chamados de primeiro ciclo dos alunos, a História Local e do cotidiano, com a proposta de que os alunos iniciem seus estudos históricos no presente, analisando e identificando as diferenças e semelhanças dentro do seu grupo social. Esse documento ainda propõe a análise das mudanças e permanências a partir do passado para a compreensão do tempo presente.

[...] a proposta é de que ampliem estudos sobre o viver de outros grupos da sua localidade no presente, identificando as semelhanças e as diferenças existentes entre os grupos sociais e seus costumes; e desenvolvam estudos sobre o passado da localidade, identificando as mudanças e as permanências nos hábitos, nas relações de trabalho, na organização urbana ou rural em que convivem (PCNs, 1997 p.41).

Já para o segundo ciclo, os PCNs indicam o enfoco em conteúdos sobre

histórias que compõem as relações estabelecidas entre a coletividade local e outras coletividades de outros tempos e espaços, contemplando diálogos entre presente e passado e os espaços locais, nacionais e mundiais. (PCNs, 1997 p.46)

Pode-se notar, assim, a constância de conteúdo do primeiro para o segundo ciclo, que abordam os estudos comparativos, a análise das semelhanças e diferenças, as percepções de

⁵ É preciso destacar que até o momento em que ministrei as aulas, ainda prevaleciam as normas dos PCNs que estão sendo gradativamente substituídos pela BNCC. Sobre o tema ver o artigo “Saberes históricos prescritos na BNCC para o ensino fundamental: tensões e concessões” (FRANCO, SILVA JR E GUIMARÃES, 2018) e o artigo “A Base Nacional Comum Curricular e o Ensino de História: reflexões docentes” (SILVA, VASCONCELOS E CASAGRANDE, 2016)

mudanças e permanências, proposto nos PCNs como forma de adicionar as caracterizações e distinções entre sociedades diversas, pertencentes a outros espaços.

Como justificativa para trabalhar com estudos que envolvem a problemática local, os PCNs apontam um alargamento das fronteiras temporais e espaciais, em que os sujeitos históricos conseguem, então, compreender sua inserção e sua identidade em grupos sociais maiores. Dessa forma, pode-se considerar que o trabalho com a problemática local propicia a noção de pertencimento ao grupo social, e que se trata de uma ferramenta importante que pode e deve ser utilizada em sala de aula. Essas perspectivas abrem, portanto, espaços de intervenção da cultura local no ensino de História. O que levou, no Brasil, vários colegas professores de História e pesquisadores a se dedicarem a discussão sobre a importância de trabalhar História Local em sala de aula, pois também compartilham do sentimento de invisibilidade conferido à História Local, uma vez que é algo comum que a discussão sobre História Geral e do Brasil seja prioridade nos currículos do país.

Raphael Samuel (1990), no artigo sobre História Local e Oral, problematiza as diversas possibilidades de discussão documental possibilitadas por essa área de estudo da História. Para Samuel (1990), as fontes são infinitamente variadas, “achados arqueológicos como restos literários, cultura material, manuscritos e arquivos, dialeto a fala ou a palavra impressa”. (SAMUEL, 1990 p.220) Dessa forma, o método de trabalho com a História Local pode ser compreendido como diversificado, sendo o professor responsável por fazer a mediação entre a pesquisa e o trabalho dos alunos.

Tendo essas perspectivas como respaldo, e contando a experiência didática que vivi em sala de aula, passo nesse momento do trabalho a fazer o relato dessa experiência tomando a mesma como resultado da pesquisa-ação que foi desenvolvida no segundo semestre de 2018, mas que, como explicado na introdução, não pode ser tomado como processo de pesquisa em si. Considero, assim, importante relatar como foi à primeira experiência que subsidiou esse relato de experiência como trabalho de conclusão do mestrado.

O que quero mostrar é que o mestrado foi fundamental na experiência docente que vivi durante os anos de 2017 e 2018 e, mesmo que essa experiência não pudesse ser efetivamente meu trabalho de conclusão, foi ela que me permitiu uma nova perspectiva em relação ao meu trabalho como professora. Eu entendo a dinâmica do Comitê de Ética da UFG, mas ele não me proporcionou a oportunidade de ter esse trabalho como tema da pesquisa-ação⁶. Apesar

⁶ A realização das ações planejadas para a pesquisa-ação foi afetada de forma significativa pelos entraves com o Comitê de Ética em Pesquisa, cada uma das ações possuía uma data prevista, de acordo com a proposta

dessa frustração, a estratégia sugerida pela banca de qualificação me deu outra perspectiva de olhar para meu trabalho, pois o mesmo está profundamente vinculado à área do PPGH – MP: “História, Cultura e formação de Professores”. Meu texto, construído na perspectiva também da escrita de si⁷, expõe, justamente, a ligação entre meu campo de trabalho, a História, minha abordagem historiográfica, a cultura, e minha atuação profissional. Ou seja, meu texto responde ao que é o mestrado e, ao mesmo tempo, reflete o impacto do mesmo na minha vida como docente.

Assim, meu intento agora é apresentar como foi meu trabalho no Colégio Estadual Illydia Maria Perilo Caiado, cujo número de alunos é de aproximadamente 135 alunos. O Colégio atende desde o Ensino Fundamental II até o Ensino Médio. No período de execução das atividades apresentadas, no desenvolver deste relato, o colégio possuía o ensino matutino para o Ensino Fundamental II e noturno para o Ensino Médio, o que ajudava muito aos alunos que dividiam suas atividades entre o estudo e o trabalho. Porém, a partir de primeiro semestre de 2019 as aulas do Ensino Médio, por decisão do Ministério Público, passaram a ser ministradas também no matutino, com um número pequeno de alunos e apenas em sete turmas foi possível que eu ministrasse todas as aulas de História dentro do Colégio Illydia. Assim, consegui ter contato com todos os alunos da Unidade Escolar, o que facilitou determinar a turma à qual a pesquisa-ação foi desenvolvida.

Candau (1995) afirma que as aulas-oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. Ainda em diálogo com a pesquisa e experimentação docente desenvolvidas, Candau reforça que o desenvolvimento das aulas-oficinas acontece a partir de momentos básicos, o que também pode ser observado durante a aplicação das aulas-oficinas apresentadas nesta pesquisa. Dentre estes momentos, podemos citar: aproximação da

inicial, seguindo o um calendário de datas comemorativas da cidade de Nova Aurora, desta forma os trabalhos de pesquisa-ação deveriam ser realizados a fim de coincidir com a vivência dos alunos, em decorrência da demora em responder com parecer positivo para a realização da mesma, e uma vez que, sem a devida autorização do Comitê de Ética em Pesquisa para a validação do trabalho dentro da pesquisa, como era a intenção inicial, as ações voltadas às atividades de pesquisa-ação que foram realizadas pelos alunos dentro e fora da sala de aula e que estavam previstas dentro do PPP da escola não puderam ser utilizadas como o planejado dentro da pesquisa. Não estou culpabilizando o comitê em suas ações, mas apontando a falta de clareza nas recusas ao projeto e na dificuldade em compreender o que era preciso fazer para a aprovação, pois quando essa veio os calendários da escola e da pesquisa, já não mais coincidiam.

⁷ Aqui seria preciso uma longa digressão para falar dessa perspectiva de contar a História. Porém dado o foco do trabalho, indico apenas a leitura fundamental sobre escritas de si que é o livro “O si mesmo como um outro” de Paul Ricoeur (2014), o qual não pode ser trazido para a presente discussão dado o tempo que sua problematização demandaria, mas que é a inspiração desse trabalho final.

realidade/sensibilização, aprofundamento/reflexão, construção, coletiva e conclusão/compromisso.

As aulas-oficinas possibilitam um processo educativo composto de sensibilização, compreensão, reflexão, análise, ação, avaliação. (FIGUEIREDO *et al.*, 2003 p. 04).

Compartilham, ainda, da concepção de que nessa prática pedagógica é fundamental entre outros a alegria e amorosidade e o envolvimento do educador, pois, nesse sentido, compreendem que durante a realização das aulas-oficinas, educadores e educandos são co-criadores na produção do conhecimento. Compreendem, a partir destas reflexões, que o uso das oficinas como metodologia era exatamente a ferramenta que precisava para mudar a percepção dos alunos quando a disciplina de História.

Quando, entusiasmada com a possibilidade de trabalhar com esta metodologia, levei ao conhecimento dos demais colegas professores, coordenação e direção escolar, meu desejo em aplicar minha pesquisa dentro das minhas aulas, apresentei como proposta a realização de aulas-oficinas que tivessem relação com o conteúdo cobrado pelo currículo didático do Estado de Goiás, e aulas-oficinas que se relacionassem com as datas comemorativas do município de Nova Aurora, associando à História Oficial da cidade a História vivida pelos estudantes, na tentativa de elaborar junto aos mesmos o entendimento de que eles também são parte da história, e de que a cidade onde eles vivem também pode permitir a produção de conhecimento histórico.

Iniciava-se, então, o trabalho relacionado à pesquisa-ação, sem, no entanto, ser validada como pesquisa do mestrado, mas como atuação em sala de aula. De acordo com David Tripp (2005), “a pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”. Seria, portanto, a realização da pesquisa a partir da minha prática enquanto professora, no sentido de buscar uma melhoria no ensino de história, pois eu acreditava que, no decorrer do processo de pesquisa, fosse possível que se desenvolvesse mais aprendizado sobre a própria prática e sobre a pesquisa em si, colaborando com o aprendizado dos alunos, o que era, na verdade. Para David Tripp (2005), é difícil chegar a um acordo de quem inventou ou onde surgiu esse método, simplesmente pelo fato de que as pessoas sempre investigaram a própria prática com o objetivo de melhorá-la. Esse, inclusive, é o objetivo de utilizar a pesquisa-ação de forma metodológica durante a realização do trabalho que subsidia esse trabalho de conclusão de mestrado.

No início do ano de 2018, durante o período de planejamento escolar, apresentei ao conselho de classe da escola o projeto “Nossa Cidade, Nossa História”, que foi, desde então, incluído no PPP (Projeto Político-pedagógico) com o objetivo de trabalhar de forma interdisciplinar a História da cidade de Nova Aurora-GO, seu povo, aspectos culturais, políticos e religiosos, oportunizando aos alunos o contato com a História local.

Nova Aurora é uma cidade do interior de Goiás, possui pouco mais de 65 anos de emancipação política, de acordo dados do Censo de 2010 do IBGE. Sua população é de 2.062 habitantes. Apesar de ser muito pequena, possui uma riqueza histórica muito grande. Antes de ser reconhecida como município independente, de acordo com relatos locais, dos moradores mais antigos da cidade, Nova Aurora era conhecida originalmente como Fazenda Boa Vista do Quilombo, era passagem de tropeiros que comercializavam gado. Recebeu o nome de Nova Aurora, pois os tropeiros diziam que iam passar a noite de onde se via a nova aurora (o amanhecer seguinte). O município pertenceu à cidade de Catalão e em 1845 passou a pertencer a Entre-Rios, município de Ipameri, e em 1905 foi incorporado a Corumbalza. Tornou-se distrito de Corumbalza em 1908. No ano de 1931 foi transferido para o município de Goiandira, do qual foi desmembrado e tornou-se independente em 13 de novembro de 1953, de acordo com dados disponibilizados no site da Prefeitura Municipal de Nova aurora.

Hoje o município de Nova Aurora pertence à Microrregião de Catalão, tem se destacado na agricultura, e produz uma das cachaças mais famosas da região⁸.

Em experiência anterior, quando professora, em 2016, sem ainda ter atenção aos referenciais teóricos aqui apresentados, pude perceber, durante a realização do projeto “Nossa Cidade, Nossa História”, com os alunos do 9º ano do ensino fundamental, que eles demonstraram um interesse antes não perceptível sobre a história da cidade, pois estávamos falando sobre algo que eles conheciam e se não conheciam tinham interesse em conhecer.

Dentro do projeto, estavam previstos trabalhos com a história local em três momentos: no mês de maio, para falar da Congada; em agosto para trabalhar sobre a Festa de Nossa Senhora da Abadia e em novembro trabalharíamos em comemoração ao aniversário da cidade,

⁸ Nova Aurora é conhecida no Estado de Goiás e nacionalmente por sua produção de cachaça com características artesanais. Atualmente a produção é padronizada, após a criação de uma cooperativa que tem como objetivo valorizar a bebida fabricada na região, porém a cachaça de Nova Aurora ganhou fama na região sudeste de Goiás ainda na década de 1960, quando era produzida individualmente de modo artesanal por pequenos produtores rurais. Hoje a cooperativa reúne todos os produtores de cachaça da cidade que investiram em maquinário moderno para padronizar o produto. <http://g1.globo.com/goias/noticia/2011/11/produtores-de-cachaca-padronizam-fabricacao-no-sudoeste-de-goias.html>

os temas eram cultura, religião e política. Considero importante destacar minha experiência em sala de aula antes mesmo do contato com os referenciais teóricos, pois a ideia deste relato é contar minha experiência em sala de aula como professora, e como os enfrentamentos do início da minha carreira foram importantes para fomentar minha discussão.

Inicialmente, trabalhei com os alunos sobre fonte histórica, considerando que os mesmos já tinham um conhecimento prévio sobre o assunto, pois é trabalhado ainda durante o 6º ano do ensino fundamental. Nesse processo, foram apresentados aos alunos alguns exemplos de fontes que eles teriam contato durante a realização da pesquisa, por exemplo: fontes orais, visuais e materiais (entrevistas, fotografias, instrumentos musicais, causos, entre outras).

O trabalho de problematização do tema fez surgir muitos assuntos em sala: um exemplo foi discutir a origem das Congadas em nossa cidade, o que implicou em debater uma prática cultural de matriz africana, o que levantou vários questionamentos em sala, problematizando assuntos como a escravidão, trabalho escravos nos dias atuais, e os alunos foram criando seus próprios questionamentos: por que foi necessário tornar obrigatório o ensino da história da África nos currículos escolares? Por que essa cultura está presente em nossa cidade? Qual seria a relação entre o nome do povoado que deu origem à cidade de Nova Aurora, Fazenda Boa Vista do Quilombo e a escravidão? Entre outras questões que fizeram os alunos compartilharem informações com os colegas e ainda perceberem sinais que remetiam à escravidão, como se viu com a existência de um muro em uma fazenda próxima da cidade, que, de acordo com relatos dos habitantes mais velhos, teria sido feito por escravos que viviam nessa região.

A partir deste momento de discussão entre os alunos, o meu papel foi o de mediação, orientar os caminhos que eles trilhariam para realizar a pesquisa histórica, algo que era da vontade deles, não imposta, ou engessada por um livro didático. Na realidade, na sala de aula, aquele ambiente de janelas altas muitas vezes semelhantes a um cárcere, já não cabiam as perguntas dos alunos; era necessário agora sair a campo, buscar respostas, fazer história, e mais importante se compreender como parte da história.

Os alunos foram divididos em grupos, cada grupo era responsável por realizar entrevistas com as pessoas envolvidas na Congada local. Foram ainda estimulados a buscar fotos e qualquer registro sobre as Congadas da cidade de Nova Aurora-GO.

No final da pesquisa, deveriam apresentar um livreto que ficou arquivado no Colégio Estadual Illydia Maria Perilo Caiado, com as informações obtidas pelos alunos, com relatos

das entrevistas, fotos antigas e atuais, falando sobre a congada e sua importância para a história da cidade de Nova Aurora-GO.

Além do livreto, que ficou arquivado para consultas posteriores de outros alunos e professores, os alunos também conseguiram que uma representante da congada, responsável pela festa, fosse até a escola para conversar com toda a comunidade escolar. Nesse momento de aprendizado, ela contou sua experiência de vida na congada, como era algo importante para ela e sua família, na oportunidade alguns alunos também participaram, cantando e tocando instrumentos da congada. Esta representante da congada, a quem preservarei aqui seu anonimato, desempenha um papel muito importante na comunidade da Congada em Nova Aurora, sua família toda está envolvida nas festividades. Os alunos conseguiram chegar até a mesma por ser uma pessoa muito conhecida em Nova Aurora e também porque sua neta é uma das alunas do Colégio. Para facilitar ainda mais a aproximação, ela é também professora aposentada e antes e durante a festa do Rosário em Nova Aurora ela é responsável pela organização das congadas e como muitos dos alunos e alunas estão envolvidos e participam da festa eles já há conheciam, promovendo um diálogo mais tranquilo durante sua fala.

E como culminância do projeto “Nossa cidade, Nossa História” os alunos ainda conseguiram que a congada visitasse a escola no primeiro dia de apresentação da festa de maio em homenagem a Santa Efigênia, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.



(Terno: Catupé Cacunda Flor de Maio./ Capitão: Delcimar Alves)



(Terno: Baiano Filho./ Capitão: Carmo dos Anjos)



(Terno: Catupé Cacunda Flor de Maio. Capitão: Delcimar Alves)



(Terno: Baiano Filho./ Capitão: Carmo dos Anjos)

No dia da apresentação das Congadas na escola, todos os funcionários se envolveram, organizando as turmas, preparando o lanche para os integrantes da Congada, na recepção dos ternos de congo. Durante a apresentação, a emoção tomou conta do Colégio, me lembro de como os próprios integrantes da congada estavam contentes e orgulhosos, um dos capitães dos ternos falou sobre a importância de manter viva a cultura da nossa cidade e da preocupação que eles têm de que um dia os jovens não tenham mais interesse em manter viva a tradição, disse ainda que a escola estava ajudando muito ao promover aquele momento.

No final da atividade, toda a escola participou e os alunos demonstraram muito interesse em desenvolver outras atividades no mesmo sentido. Durante e após a realização das aulas-oficinas, os alunos demonstraram muito interesse. Percebia-se, durante as conversas, que se iniciavam de forma espontânea, tanto em sala quanto nos corredores da escola, que era algo sobre o qual os estudantes queriam falar, principalmente ao aproximar-se a data da realização da festa. Dentro da escola, havia alunos que fazem parte das famílias que possuem como tradição ser responsáveis pelas da congada da cidade, pela organização da festa, pelos

ensaios que antecedem a realização da mesma e que carregam em si a responsabilidade em perpetuar esta tradição, essas famílias vivem a congada o ano todo, com a preparação das fardas, arrecadação de alimentos para os dias de festa, produção e manutenção dos instrumentos, ficou visível durante as aulas durante as conversas e discussões das ações que seriam realizadas, como é algo importante para os participantes da congada. Os alunos, ao participar do projeto, demonstravam muito entusiasmo, principalmente porque a história para eles agora estava viva e não apenas em páginas de livros: eles estavam sendo responsáveis por fazer a história do lugar no qual vivem, e compreenderam que eram sujeitos da própria história, construtores de um tempo, ao perpetuar a tradição da cidade, ao evidenciar e entender como a tradição começou a fazer parte da nossa cidade da nossa história deu sentido ao ensino de história.

A pesquisa-ação teve início efetivamente em abril de 2018, um mês antes da realização da festa. Neste momento, os ternos de congo da cidade já estavam ensaiando nos finais de semana e foi quando teve início o trabalho de pesquisa dos alunos. A turma se organizou em grupos e cada grupo realizou a pesquisa com as pessoas responsáveis pelos ternos de congo que ainda se mantem na cidade. Os alunos trabalharam com entrevistas, buscando fotos e relatos dos ternos de congo que já existiram na cidade e aqueles que ainda fazem parte da cultura.

Esse foi um dos momentos em que foi possível perceber em muitos dos alunos o sentimento de pertencimento, muitos relatavam o que ouviram em casa, dos avos e tios, quando falavam sobre a pesquisa, ao ver as fotos, discutiam sobre as mudanças e permanências dentro da própria cidade, durante esses momentos eles perceberam que fazem parte da história. Toda a organização e produção do livreto foi responsabilidade dos alunos, enquanto professora, trabalhei apenas no sentido de orientação, todo o valor gasto com o produto final foi custeado pela própria escola, que abraçou todo o projeto.

O desenvolvimento das atividades promovidas pela pesquisa-ação, que envolveu o trabalho de pesquisa e confecção do livreto por parte dos alunos, proporcionou que os mesmos iniciassem um processo de transformação da consciência história, talvez não todos da mesma maneira e intensidade, mas, como em todo processo de aprendizagem, cada um a seu tempo. Percebi que ao reconhecerem em fotos e nos relatos que muitos de seus conhecidos e até mesmo parentes estavam envolvidos e fariam parte do material elaborado, o reconhecimento como sujeitos históricos começava a fazer sentido para meus alunos e alunas, crianças ainda, mas com tanta sede de saber, que me encantava.

Como proposta final, o projeto tinha a ação de trazer para dentro dos portões da escola a congada, na semana que antecedeu a festa, convidamos a responsável pela congada para falar com todos os alunos da unidade escolar sobre a congada e a importância da festa para a história da cidade de Nova Aurora. Prontamente ela aceitou o convite, foram 40 minutos de conversa, os alunos fizeram perguntas, aqueles que participaram da pesquisa-ação falaram sobre a importância do trabalho que eles realizaram, do que despertou sua atenção. Nesse dia, os alunos de outras séries que não participaram da pesquisa-ação conheceram o projeto “Nossa Cidade, nossa História”, pois o mesmo foi apresentado a toda a escola.

Os alunos envolvidos na pesquisa falaram durante alguns minutos sobre como foi realizar a pesquisa, levaram para compartilhar com os demais alunos as fardas, fotos e instrumentos que coletaram durante o trabalho de pesquisa; foi apresentado aos alunos o livreto que ficou disponível para que todos pudessem ter acesso, com informações obtidas pelos alunos sobre a história das congadas de Nova Aurora.

A última ação desenvolvida durante a pesquisa-ação foi a participação da Congada na unidade escolar. No primeiro dia de festa, a Congada foi convidada a estar presente na escola. Foi emocionante pois vários dos alunos fazem parte da Congada e foi um momento no qual todos os alunos vivenciaram tudo o que foi trabalhado nos dias anteriores, de pesquisa e descobertas. Estavam todos cheios de entusiasmo, e era perceptível o orgulho que demonstravam em estar diante dos colegas representando sua cultura, crença e história.

Outro ponto a se destacar é como os integrantes da Congada demonstraram orgulho e felicidade em estar na escola, já que o Colégio Illydia, em Nova Aurora, faz parte da vida de todos os habitantes da cidade. Durante a pesquisa, os alunos compartilharam sobre a preocupação dos responsáveis das congadas em perpetuar a tradição, e que trabalhar nas escolas sobre a cultura e a história da cidade era importante para a preservação dessa cultura.

Quando os portões da escola se abriram para receber a congada, a emoção tomou conta de todos. Sabemos que a história dos negros no Brasil é uma história de exploração, violência, invisibilidade e preconceito, desde o período conhecido como colonização até os dias atuais, também conhecemos sua luta na resistência contra todas as formas de opressão. A congada era uma dessas formas de resistência, de manter vivo, ainda que muito distante do seu continente, a cultura de um povo que foi capturado e trazido à força para ser explorado de forma desumana. Ao trabalhar sobre estes aspectos em sala de aula, abordamos algumas expectativas de aprendizagem do próprio currículo, como discutir as representações sociais dos sujeitos históricos, brancos, negros índios e mulheres, ao longo da história, atividades que os alunos

do 9º ano os quais desenvolveram as atividades durante a aula oficina tiveram contato durante o 7º ano do ensino Fundamental, ao discutir sobre Processo de conquista e colonização europeia do Novo Mundo.

Em 2019, a congada voltou a visitar a escola no primeiro dia de festa, acredito que a visita neste ano foi uma consequência das atividades promovidas em 2018 durante a realização da pesquisa-ação. Creio que possibilitar a presença destas manifestações no ambiente escolar proporciona o reconhecimento dos alunos como parte da história da sua cidade, assim como Samuel (1990),

as fontes são infinitamente variadas [...] A História local requer um nível diferente daquele focalizado no alto nível do conhecimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua” (Samuel, 1990 p. 220).

Ao trabalhar com a história das Congadas, os alunos perceberam que as fontes históricas são infinitas e não necessariamente precisam estar em um museu, ou em livros didáticos. A História Local proporciona que o aluno reconheça que ele pode estar produzindo fonte histórica quando produz seu próprio instrumento. Ao registrar os momentos da festa através das fotos, na produção das fardas, e ainda mais ao realizar a pesquisa, elaboração e confecção de um livreto, o conhecimento histórico foi dinamizado, foi elaborado por quem vivencia a história. Claro, como diz Selva Guimarães, não se está a providenciar pequenos historiadores, mas sim a permitir que os pequenos se vejam como sujeitos da história, enxergando seus pais e avós como protagonistas de uma experiência que é só deles.

A seguir, apresento parte do trabalho realizado durante os anos de 2018/2019, com os alunos de 9º ano; as oficinas realizadas no ano de 2018; a primeira durante a Festa do Rosário e a segunda em Novembro, em comemoração ao aniversário de Nova Aurora. A última oficina apresentada sobre o Café aconteceu no primeiro semestre de 2019 com os alunos que, naquele ano, também cursavam o 9º Ano. Durante a oficina intitulada “**O cafezinho nosso de toda visita**”, utilizamos a discussão proposta pelo planejamento anual para o 9º ano, que trabalhava sobre a crise de 1929, a proposta era falar sobre a importância do café para a História do Brasil e como esse gênero alimentício está presente culturalmente em nossa cidade, uma vez que é comum sempre receber visitas convidando-as para um cafezinho. Iniciamos a discussão e os alunos apontaram sobre a presença do café, ainda durante o

Brasil colônia, e a utilização de mão de obra escrava nas lavouras e café, em seguida com o auxílio do material didático dos alunos discutimos sobre os impactos da crise de 1929 no Brasil e consequências. A oficina foi realizada em outro dia, quando promovemos um café da manhã. Os alunos levaram para a sala de aula alimentos que usualmente acompanhavam o café em suas casas, e durante o café da manhã discutimos sobre como o café está culturalmente inserido em nossa sociedade, e é associado a um momento de confraternização entre as pessoas.

Infelizmente foi meu último trabalho na unidade escolar, pois, enquanto contrato temporário meu período de trabalho venceu e fui exonerada, não podendo mais exercer minhas atividades como professoras no Colégio. Isso impossibilitou a realização das oficinas que haviam sido pensadas como base na discussão da História Local, uma vez que as mesmas só fariam sentido quando aplicadas aos alunos do Colégio, por se tratarem de oficinas específicas sobre a História da Cidade de Nova Aurora. Não foi possível, também, a utilização das aulas da atual professora de História do Colégio Illydia, pois atualmente trabalho em outra unidade escolar na cidade de Catalão, e os horários se tornaram incompatíveis.

Dessa forma, apresentarei aqui apenas as oficinas que foram elaboradas e executadas durante o período em estudo, estas que são parte da minha atuação como professora, e resultado da minha preocupação em atingir meus alunos, porém, não apenas isso, meu desejo sempre foi atuar de forma a me satisfazer: eu precisava ter certeza de estava fazendo o meu melhor. Hoje sei que essa pesquisa faz sentido a tudo o que desejava no início, passou por tantos obstáculos, primeiro não poderia deixar de citar a dificuldade em atender ao Comitê de Ética em Pesquisa, que demorou muito em dar uma resposta positiva, e por isso, foi necessária uma reformulação total do meu produto idealizado inicialmente que seria o Caderno de Oficinas. Em segundo momento a impossibilidade de continuar com minhas aulas no Colégio Illydia Maria Perilo Caiado, unidade em que constitui vínculos fortes de amizade e por isso tenho imenso carinho e gratidão a todos os alunos e colegas de trabalho.

2.1 Planos de aula e avaliação do que foi proposto e do que foi realizado:

2.1.1 História Local: Oficina Nossa Cidade, Nossa História.

Responsável Geral: Layanne Grigório Martins

Anos: 9º Ano

Tempo estimado: Três aulas de 50 minutos

Conteúdos: História Local

Tema: Congadas

Metodologia: Propor aos alunos a realização de uma pesquisa-ação com o tema “Congadas em Nova Aurora”. Inicialmente será discutido com os alunos qual a relação deles com esta manifestação cultural da cidade de Nova Aurora. Para tanto, se fará necessário sondar os alunos sobre o conhecimento prévio a respeito desta manifestação cultural e religiosa afro-brasileira e levantar hipóteses baseadas em causos sobre ruínas de muros de escravos em fazendas do município. Outro fator importante é que a cidade anteriormente era conhecida como Fazenda Boa Vista do Quilombo, ou seja, tanto as ruínas quanto o nome da cidade são parte da memória sobre a história da cidade e, por isso, problematizar o fato da Congada ser uma manifestação de resistência à escravidão que permanece na comunidade é também construir a memória do lugar. Foi importante, ainda, pedir que os alunos pesquisassem quem são as pessoas que hoje fazem parte das Congadas da cidade. Durante a realização da pesquisa-ação os alunos deverão realizar uma pesquisa de campo, em busca de fotos, entrevistas, instrumentos e fardas. Após a realização da pesquisa-ação será confeccionado um livreto com todas as fontes analisadas pelos alunos, o livreto ficará na escola como fonte para futuras pesquisas históricas.

Material necessário:

Aula expositiva: Roda de conversa, socialização da proposta da aula-oficina. Discutir sobre o que são fontes, e sobre o produto final que será o livreto.

Oficina: Entrevistas, fotos, instrumentos musicais, fardas.

Objetivo geral:

- Motivar os alunos a pesquisar usando fontes escritas e orais
- Despertar nos alunos o desejo de conhecer a história e a cultura local.
- Reconhecer-se como sujeito histórico na produção do conhecimento histórico.
- Promover a discussão das Congadas como uma manifestação cultural e religiosa afro-brasileira

Objetivos específicos:

- Discutir sobre a importância da manifestação cultural e religiosa das Congadas para a História da cidade de Nova Aurora.

Programação:

1º Aula: Durante a primeira aula será o momento de apresentação da proposta da pesquisa aos alunos, distribuir as atividades de pesquisa e orientação das ações. Serão formados dois grupos, que deveram distribuir as atividades de pesquisa entre si.

2º Aula: Depois de realizadas as pesquisas de campo, será o momento de socialização dos materiais. Todas as fontes serão discutidas em sala, verificando as dificuldades dos grupos e as descobertas. Após a socialização das informações e discussões das ações a serem realizadas, os dois grupos definiram os responsáveis pela produção do livreto, elaboração do texto e seleção das imagens.

3º Aula: Exposição dos resultados entre a turma e análise da experiência. Discutir sobre a ação final da oficina, que será a participação da responsável pelas congadas na cidade, durante uma palestra e a apresentação das Congadas na escola no início da festa.

Ações Realizadas:

Palestra: A responsável sobre as Congadas (Helena Basílio) será convidada a participar da oficina para falar sobre sua relação com as Congadas em Nova Aurora, sobre a história da sua família com as Congadas. Na oportunidade, os alunos que participaram da pesquisa-ação poderão compartilhar com todos da unidade escolar sobre a experiência durante a realização da pesquisa e apresentaram o produto final que eles produziram e que ficara na escola como fonte de para futuras pesquisas históricas.

Participação da Congada na Escola: Os dois ternos da congada que fizeram parte da pesquisa foram convidados a visitar a unidade escolar no dia que se inicia a festa na cidade, como encerramento das atividades de pesquisa-ação sobre a Congada.

Referências Bibliográficas:

Leite, Vânia Aparecida Marques. *Dimensões da não aprendizagem* ed. rev. - Curitiba, PR. IESDE Brasil, 2012.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

Reflexão Geral:

A oficina sobre a Congada foi a primeira ação desenvolvida dentro da proposta do projeto de História Local “Nossa Cidade, Nossa História”. Ao apresentar a proposta para os demais colegas, recebi uma resposta muito positiva, com o apoio de todos, mais feliz e entusiasmada me senti quando apresentei a proposta aos alunos, que logo se interessaram, de imediato apresentaram muita empolgação e autonomia nas ações propostas, muitos conheciam de perto como funcionava a dinâmica dos ensaios, reuniões e dias de festas, pois possuem isso como tradição familiar; outros por devoção religiosa e alguns por identificação. Uma das habilidades propostas pelo currículo do 9º ano é que o aluno consiga desenvolver a compreensão da relação de gênero no tempo e no espaço, buscando entender e distinguir a ação dos sujeitos históricos, homens, mulheres e crianças, ao longo da história da humanidade. Foi necessário elaborar uma dinâmica em que as atividades de pesquisa relacionadas à Congada fossem realizadas fora do horário de aula. Toda semana, uma das aulas de História era disponibilizada para discussão e socialização entre os alunos; durante as demais aulas, continuávamos com o conteúdo requisitado também pelo currículo de referência, de forma que uma não atrapalhava o desenvolver do outro.

A comunidade escolar participou com mais efeito durante a semana em que as atividades ocorreram, promovendo o espaço para a palestra, acompanhando os demais alunos das outras turmas, recebendo a Congada na escola durante a apresentação. O livreto que os alunos produziram a partir do apanhado de fotos e relatos de populares participantes das Congadas foi custeado pela própria escola, e entregue na biblioteca da escola para servir de fonte para outras pesquisas.

Esta oficina foi minha primeira experiência com a aplicação da metodologia da Educação Histórica, um momento muito especial, percebi que estava no caminho que tanto desejava. Consegui, aplicando a oficina, motivar meus alunos a aprender sem ficar presa à sala de aula. O espaço de aprendizagem dos meus alunos estava se ampliando e naquele momento meu sentimento de frustração começou a se transformar pois, no papel de professor mediador, foi necessário me realocar, aprender, reformular a ideia de professor que possui todas as respostas, principalmente para os alunos, que estavam muito acostumados a encontrar as respostas em livros, permitir que os alunos desenvolvessem sua estratégia de aprendizagem requer paciência, sabedoria e amor. Posso afirmar que mudei e aprendi muito junto aos meus alunos e alunas, eles têm muito mais a nos ensinar do que podemos imaginar.

2.1.2: Oficina Revirando o Baú do Tempo.

Responsável Geral: Layanne Grigório Martins

Anos: 9º Ano

Tempo estimado: Três aulas de 50 minutos

Conteúdos: História Local: política

Tema: Revirando o Baú do Tempo

Metodologia: A proposta da aula será a realização de uma pesquisa-ação, na qual os alunos desenvolverão o trabalho com fontes orais sobre a história da cidade de Nova Aurora. Nesse trabalho, o destaque será o assassinato do político Getulino Artiaga Lima ocorrido em 08 de setembro de 1950, na cidade. O assassinato de Getulino Artiaga, em Nova Aurora, ainda hoje é um assunto cuja população mais velha da cidade tem receio em conversar, portanto, é parte da história do Estado de Goiás na qual Nova Aurora se insere, mas que muitos moradores tentam apagar. É importante para a compreensão social e política da época na qual a cidade se envolveu, pois durante o período moradores relatam que a disputa pelo poder era acirrada e acabou culminando em uma tragédia. A discussão sobre o ocorrido na década de 1950 em Nova Aurora culmina com o conteúdo sobre o segundo governo de Getúlio Vargas, um governo caracterizado pelo material didático como democrático. A ideia é, após discutir sobre o Governo de Getúlio Vargas, analisar fatos importantes vividos pela população da cidade, que durante o início da década de 1950 ainda era distrito de Goiandira, tornando-se município independente em 13 de novembro de 1953. Após do desenvolvimento da pesquisa, os alunos produzirão como material didático um Jornal que será disponibilizado na escola para ser utilizado como fonte para outras pesquisas.

Material necessário:

Aula expositiva: Data show para apresentação de slides.

Oficina: Entrevistas, fotos.

Objetivo geral:

- Motivar os alunos a pesquisar usando fontes escritas e orais;
- Despertar nos alunos o desejo de conhecer mais de sua origem e de seus familiares;
- Abrir possibilidades para que os alunos possam reconhecerem-se como sujeito histórico na produção do conhecimento histórico.

Objetivos específicos: Discutir sobre a história política da cidade de Nova Aurora

Programação:

- Primeira aula: Os alunos serão apresentados à proposta da pesquisa-ação, com a utilização de data show, será realizada uma exposição sobre a cidade de Nova Aurora e sua história, através do acesso aos sites da Prefeitura Municipal. Para falarmos sobre a história de Getulino Artiaga Lima também utilizará como fonte de pesquisa o site a Assembleia Legislativa de Goiás e um documentário sobre a morte do então candidato a Deputado Estadual.

Após a socialização dos alunos com o tema, será solicitada a realização de uma pesquisa de campo em que os alunos deverão realizar entrevistas com a população de Nova Aurora que se lembrem do ocorrido. Os alunos deverão buscar por fotos e relatos sobre o período.

- Segunda aula: Durante esta aula os alunos reunirão os materiais coletados, entrevistas, fotos, jornais. Deverão selecionar o que poderão utilizar como material para a produção do Jornal e montar a edição especial.
- Terceira Aula: Momento de socialização da pesquisa-ação com toda a unidade escolar, os alunos apresentarão suas pesquisas e disponibilizarão o material produzido como fonte de pesquisa para outras ações da escola.

Bibliografia:

<https://portal.al.go.leg.br/deputado/perfil/deputado/1642> - Agosto de 2019

<http://novaaurora.go.gov.br/site/> - Agosto de 2019

https://www.youtube.com/watch?v=A8_QHGRBY_w Agosto de 2019

BOULOS, Junior Alfredo. História Sociedade & Cidadania, 9º ano. 3º ed. São Paulo: FTD, 2015.

Reflexão Geral:

Durante a aplicação desta segunda oficina, os alunos já partilhavam de um conhecimento adquirido anteriormente sobre fonte histórica, que foi estabelecido durante a oficina sobre Congada, portanto considero que foi um processo mais fácil. Já sabiam do que se tratava a pesquisa-ação. Como de costume, o tema foi apresentado durante uma aula de socialização, com utilização de documentários e fotos. O assunto chamou muito a atenção dos alunos, que nunca haviam ouvido falar sobre o assassinato de um político na cidade. Isso também primordial, pois, a curiosidade neles é uma espécie de combustível. Ficaram fascinados com a proposta.

Nesta oficina “Revirando o Baú do Tempo”, os próprios alunos dividiram os grupos e criaram uma forma de se comunicar através da criação de um grupo de mensagens instantâneas, no qual eu também estava presente para mediar as conversas e auxiliá-los. Nesse ponto, percebi que estavam estabelecendo maior autonomia no processo de aprendizagem.

Estabelecer uma relação com o conteúdo proposto pelo currículo de referência durante

esta oficina foi tranquilo, uma vez que falávamos sobre o segundo governo de Getúlio Vargas na década de 1950. Solicitei, então, que fizessem um paralelo entre as ações políticas e sociais que aconteciam durante o período a nível nacional, relacionando com o ocorrido em Nova Aurora.

A proposta, após a realização da pesquisa, foi a confecção e socialização do jornal tratando da pesquisa realizada. A edição do jornal, assim como o livreto sobre a Congada, está disponibilizada na biblioteca da escola para posteriores pesquisas. A participação da comunidade escolar foi através do momento onde o produto “jornal”, foi socializado.

Com o conhecimento prévio da pesquisa-ação sobre a Congada, esta segunda proposta de pesquisa tratando sobre o assassinato de Getulino Artiaga foi mais tranquila. Os alunos já compreendiam sua atuação, os caminhos a serem seguidos, e eu já estava mais tranquila ao desempenhar a mediação. Um aspecto interessante é que eu sempre me senti como um aprendiz durante a realização das oficinas junto aos meus alunos. Concluo que o que mais me encantava nessa proposta era a necessidade da constante inquietude e durante as aulas percebi meu crescimento profissional e me orgulho muito de toda essa experiência.

2.1.3 Oficina: O cafezinho nosso de toda visita

Responsável Geral: Layanne Grigório Martins

Anos: 9º Ano

Tempo estimado: Duas aulas de 50 minutos.

Conteúdos: História Local

Tema: O cafezinho nosso de toda visita.

- **Metodologia:** A proposta da aula será a realização de uma aula-oficina, durante a discussão sobre a crise de 1929 e o Brasil, estabelecendo uma afinidade entre o conteúdo proposto pelo currículo referência e a história local, discutindo sobre a relação amistosa que o café ocupa no imaginário da população. Para iniciar a discussão, utilizaremos o material didático dos alunos com o conteúdo sobre a crise de 1929 nos Estados Unidos, verificando, durante a aula dialogada, as implicações dessa crise nas exportações de café no Brasil durante o período. Após o trabalho em sala, com a socialização do conteúdo, os alunos serão divididos em duplas e cada dupla será responsável por levantar a importância do café para as famílias da cidade, em que circunstâncias bebemos café? Na sua casa, em momentos com a família o café está presente? Em nossa cidade o café ainda faz parte um momento para reunião de famílias? A culminância acontece quando a mesa do café é montada em sala de aula, e discutimos sobre todo o material que conseguiram durante a pesquisa de campo.

Material necessário:

Aula expositiva: Livro didático História: Sociedade e Cidadania.

Oficina: Mesa de café da manhã.

Objetivo geral:

- Entender os impactos sociopolíticos da crise econômica de 1929.
- Reconhecer-se como sujeito histórico na produção do conhecimento histórico.

Objetivos específicos: Discutir sobre os costumes e tradições culturais da cidade de Nova aurora.

Programação:

- Primeira aula: Discutir sobre a crise de 1929 e os reflexos no Brasil, com foco na exportação de café afetada pela crise. Utilizar a discussão do livro didático para problematizar o tema de discussão. Após a problematização, propor uma roda de conversa para discutir sobre a relação de cada uma com o gênero de exportação em destaque na aula “o café”; promover uma discussão sobre a relação do café na cidade, em que circunstâncias bebemos café? Na sua casa, em momentos com a família o café está presente? Em nossa cidade o café ainda faz parte um momento para reunião de famílias?
Para a próxima aula propor a realização de uma mesa de café da manhã, cada aluno ou um grupo de alunos deverá levar para a aula um tipo de quitanda que acompanha o café em sua casa.
- Segunda aula: Realização da oficina, montagem da mesa e realização de uma roda de conversa debatendo com os alunos a importância do café para o Brasil desde o período colonial até os dias de hoje, como momento de união e confraternização.

Avaliação Geral:

Durante o ano de 2019 meu trabalho foi desenvolvido com outra turma de alunos, também do 9º ano, porém todo o trabalho que sensibilização sobre o que é uma aula-oficina, trabalho com fontes, fez-se necessário novamente.

A proposta para a realização desta oficina surgiu a partir da solicitação dos próprios alunos, que já conheciam os trabalhos desenvolvidos com a turma anterior. Por isso, elaborei esta oficina relacionada ao conteúdo que estudávamos, principalmente por observar nos alunos o desejo pelo trabalho com oficinas, resultado do bom desempenho do ano anterior com os colegas. Este fato me trouxe muita alegria, estava colhendo os frutos do trabalho de desenvolvemos anteriormente.

A proposta da aula-oficina surgiu dos próprios alunos, “tia vamos fazer um café da manhã para falar de café”, foi essa a frase que ouvi, fiquei muito sensibilizada e embarquei na ideia. Fizemos uma atividade de pesquisa, mais uma vez em grupos, na qual o objetivo

principal foi refletir sobre a relação do café em nossa cidade. Posso dizer que foi, literalmente, delicioso, todos os professores foram convidados a degustar o café da manhã.

Em todas as aulas-oficina me senti muito feliz, mas me realizei quando a proposta partiu dos próprios alunos, incentivados pelo trabalho socializado no ano de 2018.

Bibliografia

BOULOS, Junior Alfredo. História Sociedade & Cidadania, 9º ano. 3º ed. São Paulo: FTD, 2015.

<http://www.scielo.br/pdf/alm/n5/2236-4633-alm-05-00051.pdf> - Estados Unidos, Segunda Escravidão e a Economia Cafeeira do Império do Brasil – acesso 06/02/2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, gostaria de ressaltar a importância de conseguir realizar toda a discussão apresentada por esta dissertação a partir do meu próprio lugar de atuação, a sala de aula. Este foi um dos fatores mais importantes, foi também o que me encantou e motivou para a realização desta pesquisa.

Apresento através deste Relato de Experiência intitulado: Reflexões sobre o Ensino de História mediado pela Educação Histórica, meu texto de dissertação. Resultado do meu trabalho de pesquisa-ação realizado a partir da minha experiência como docente. Hoje, consigo, de forma tranquila, compreender os desafios iniciais da minha profissão. Minha primeira experiência em sala de aula me fez buscar respostas através desta pesquisa, para me tornar uma profissional capaz de ultrapassar os obstáculos impostos a esta missão que compartilho com tantos outros colegas profissionais.

Enquanto professora, foi, sem dúvida, uma realização profissional estar novamente presente a uma Instituição Federal, um espaço de diálogo, em que reencontrei pessoas importantes para minha formação acadêmica, e em que, também, conheci tantos outros colegas professores, os quais, durante as aulas presenciais do curso de mestrado, oportunizaram diálogos e trocas de experiências importantíssimas para a realização desta dissertação.

Efetivamente, para minha vida pessoal foram anos de transformação e acredito que reconhecer meus limites pessoais e profissionais e entender que sempre é possível buscar uma maneira de aprimorar o que causa inquietação, sendo esta a principal responsável pela realização desta dissertação. Nos primeiros enfrentamentos como docente, anterior ao início da pesquisa, um dos sentimentos que mais me corroía era a culpa, a culpa por não conseguir atingir ou mobilizar meus alunos, por considerar que não era o suficiente as ações que eu estava utilizando em sala de aula.

Hoje, depois do contato com a metodologia da Educação Histórica, depois das ações realizadas por meio da pesquisa-ação, compreendi que meu trabalho pode e deve ser prazeroso para ambas as partes, e que para conseguir atingir meus alunos, primeiramente é preciso conhecê-los, entender de onde eles vem, quais são suas expectativas, falar de História a partir do lugar onde eles vivem para assim fazê-los se interessar pela disciplina, nada que esteja distante demais a seus olhos ira atraí-los, acredito que seja este o motivo do trabalho

com as aulas-oficinas terem funcionado tão bem, porque os meus alunos tinham sede de saber sobre sua história, sobre o lugar onde vivem, pois se tornaram protagonistas das nossas aulas.

Futuramente pretendo continuar a pesquisar sobre a Educação História e colocar em prática o planejamento inicial da pesquisa, a produção de um material didático que, devido aos impedimentos que inviabilizaram a proposta inicial de trabalho de conclusão de mestrado que era a realização de uma pesquisa-ação e a produção de um material didático, não foram realizados.

Durante a realização desta pesquisa, todos os momentos foram importantes. Inicialmente fiquei muito ansiosa com e queria ver tudo acontecer de forma rápida, queria o quanto antes conseguir encantar meus alunos e fazer com que eles se envolvessem mais durante minhas aulas. Esse foi um dos motivos pelos quais mais senti motivação, durante o desenvolvimento da pesquisa, quando as primeiras dificuldades foram surgindo como, por exemplo, como a morosa autorização do comitê de ética. Por mais que eu tenha continuado com a realização das oficinas durante minhas aulas, comecei a perceber que seria necessário mudar a estratégia.

Porém, nenhum momento foi mais doloroso do que meu desligamento com a escola. Desde o início eu tinha o conhecimento de que um dia aconteceria, pois, enquanto contrato temporário, essa é a única certeza que podemos ter. Felizmente, consegui utilizar tudo o que construí durante os três anos que vive no Colégio Illydia nesta dissertação, dessa forma que tudo o que construí com meus alunos estará eternizado, com muito amor e dedicação.

FONTES DIRETAS:

1. Observação participante nas aulas oficinas;
2. Planos de aula e projetos educativos das aulas oficinas
3. Produções audiovisuais (fotografias, áudios, vídeos entre outros) das aulas oficinas;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARCA, Isabel. “Educação Histórica: uma nova área de investigação”. *Revista da Faculdade de Letras – História*, Porto, III série, v. 2, 2001.

BARCA, Isabel. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades. *Revista de História*. Goiânia, v. 17, n. 1, p.37 –51, jan./jun. 2012

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia. MEC\SEF, 1997.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Reflexões sobre o Ensino de História. *Estudos Avançados*. 32 (93), 2018.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: 1929 - 1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1991

BURKE, Peter (org.), *A Escrita da História*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista - Unesp, 1992.

CANAU, Vera Maria et al. *Oficinas pedagógicas de direitos humanos*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CERRI, Luís Fernando. *Ensino de História e Consciência Histórica*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011.

GEERTZ, Clifford. “Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura” In: *A interpretação das Culturas*. 1.ed., Rio de Janeiro: LTC, 2008.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n.11, p.173191, jan./abr. 1991.

DESSEN, Maria Auxiliadora. POLONIA. Ana da Costa. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano”. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03> acesso 02 de janeiro de 2019.

JENKINS, Keith. *A História repensada*. Tradução de Mario Vilela. Revisão Técnica de Margareth Rago. São Paulo, Contexto, 2001.

FIGUEIRÊDO, Maria do Amparo Caetano de, *et. all* Sujeitos Sociais em movimento: oficinas pedagógicas de cultura popular com crianças e adolescentes. *Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*. João Pessoa: UFPB, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História*. 4. Ed. Campinas: Papirus, 2003.

FONSECA, S. G.; BORGES, V. J.; SILVA Jr., A. F. Ensinar Geografia e História – relações entre sujeitos, saberes e práticas. In: Fonseca, S. G. (Org.). *Currículos, saberes e culturas escolares*. Campinas: Alínea, 2007.

FONSECA, S. G.; SILVA, M. *Ensinar História no século XXI*. Campinas: Papirus, 2007.

FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da História Ensinada*. Papirus: Campinas, 1993.

FRANCO, Aléxia Pádua Franco, Aléxia Padua. SILVA JR. Astrogildo Fernandes da. GUIMARÃES, Selva. Saberes históricos prescritos na BNCC para o ensino fundamental: tensões e concessões. *Ensino Em Re-Vista | Uberlândia, MG | v.25 | n. Especial | p. 1016-1035 | 2018*

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FRONZA, Marcelo.

KARNAL, Leandro (org.) *História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

Leite, Vânia Aparecida Marques. *Dimensões da não aprendizagem ed. rev.* - Curitiba, PR. IESDE Brasil, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. “Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas”.
<http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf> acesso 02 de janeiro de 2020.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, M. A; LAKATOS, M. *Fundamentos de metodologia científica* - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MUYLAERT, Camila Junqueira; JUNIOR, Vicente Sarubbi; GALLO, Paulo Rogério; NETO, Modesto Leite Rolim, REIS, Alberto Olavo Advincula. **Entrevistas narrativas: Um importante recurso em pesquisa qualitativa**. Disponível em:
http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf

NETTO, W. F. As entrevistas abertas: uma técnica para verificar variação lingüística entre os interlocutores. *Revista Alfa de Linguística*. UNESP. V 34. 1990. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3835/0>. Acesso em: 22 de outubro de 2016.

PEREIRA, Aldicéia M. A importância da história local para o ensino de história: um olhar para o município de Duque de Caxias. Disponível em: <https://pinba.files.wordpress.com/2014/08/a-importancia-da-historia-local-para-o-ensino-de-historia-um-olhar-para-o-municipio-de-duque-de-2.pdf>

PIMENTA, Sônia Almeida; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. *O planejamento na organização da prática pedagógica*. Disponível em: http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Didatica_Ensino_Geografia/Di_En_Geo_A08_IZ_GR_291208.indd.pdf

Acesso em outubro de 2016.

PINSKY, Jaime (org.). *O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo, Contexto, 2011.

PRADO, Alethéia Paula Lapas. SILVA, Renata Aparecida da. Cotidiano, memória e família: a importância da História Social. *REVASF*, Petrolina, Pe, vol. 5, n. 9, p. 140-153, dez. 2015

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: *Revista Brasileira de História*. Pp. 219-242. V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990.

SANTOS, Bergston Luan. Interpretando “mundos”: jogos digitais e aprendizagem. Dissertação de Mestrado. PPG. UFU: Uberlândia, 2013.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel (Org.). *Aprender história: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; URBAN, Ana Cláudia. (Orgs.). *O que é educação histórica*. Curitiba: W&A Editores, 2018.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Construindo conceitos no ensino de História: "a captura lógica" da realidade social. *História. Ensino*, Londrina, v. 5, p. 147-163. 1999

SILVA; Estela Maris Giordani; MENOTTI, Camila Ribeiro. As tendências pedagógicas e a utilização dos materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/files/qMP2rpp.pdf
Acesso em outubro de 2016.

SILVA, Francisco Thiago, VASCONCELOS, Larissa e CASAGRANDE, Robson Carlos. A Base Nacional Comum Curricular e o Ensino de História: reflexões docentes. *Projeção e Docência*, volume 7, número 2, ano 2016.

SILVA, Marcos Silva “Ensino de História e Novas Tecnologias. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/historia_artigos/2silva_artigo.pdf.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação & Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

WEISZ, Telma; SANCHES, Ana. *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. São Paulo, Ática: 2001. Disponível www.google.com.br acesso 29 de dezembro de 2019.

SITES VISITADOS:

<https://novaescola.org.br/conteudo/930/isabel-barca-fala-sobre-o-ensino-de-historia> Acesso em 17 de julho de 2018.

RIBEH, v.01, n. 01, p. 07-31, Ago-Dez/2018. <https://revistas.unila.edu.br/riaeh/index> Acesso 20/03/2019

<http://novaaurora.go.gov.br/site/historia/> Acesso em: 01 de junho de 2019.

<http://www.dca.fee.unicamp.br/~leopini/consu/reformauniversitaria/ldb.htm> acesso 02 de janeiro de 2020.

Pesquisa-ação: uma introdução metodológica – Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>

Anexos

1 – Livreto produzido pelos alunos do 9º Ano, Colégio Estadual Illydia Maria Perilo Caiado, como produto da aula oficina sobre História Local.

Tema: Congadas / abril de 2018

Nossa Cidade, Nossa História.

Congadas

Alunos: Cibele Borges, Késia Souza, Larissa Gregório, Lincon César,
Maria Gabriela, Samira Lemes e Thaissa Gregório.

Professora: Layanne Grigorio.

Matéria: História.

9º Ano.

NOVA AURORA/GO

2018

Ternos de Congo Nova Aurora-GO



Terno: Catupé

Características:

- * Fundador do terno, Delcimar Alves.
- * Criado em 1998.
- * A primeira apresentação teve a participação de 40 pessoas, dentre elas 5 eram bandeirinhas.
- * Ele traz os 3 santos no estandarte (Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito).
- * Cor da farda: Branco, Preto e Vermelho.
- * Eles usam chapéu de palha.
- * Os instrumentos usados são, pandeiro, apito, caixa e acordeom.



Terno: Baiano Filho

Características:

- * Sua cor é rosa, azul e sua faixa é azul clara.
- * Foi fundado pelos irmãos, e o capitão é Carmo dos Anjos.
- * O pai de Carmo (Sebastião Ferreira), tinha um terno e quando ele morreu, o terno acabou. Depois de um tempo, os filhos resolveram fundar novamente o terno em homenagem ao seu pai (apelidado de Tio Baiano).
- * Os instrumentos usados são: caixas, violões, sanfonas, apitos e pandeiros.



Terno: Marújeiro

Características:

- * Foi fundado por Ademar Pereira, (que tinha um sonho de fundar um terno).
- * Sua farda é composta pelas cores: Vermelho e branco e uma faixa verde.
- * Instrumentos: caixa, violão, sanfona, apito e pandeiro.



Terno: Moçambique

Características:

- * O terno Moçambique, diferente dos outros, não é um terno de Congo, e sim de Moçambique.
- * A coroa da rainha, só pode ser passada para outra pessoa com a presença do Moçambique.
- * O Moçambique, cria as suas músicas no momento, ou seja, às inventa na hora. Tendo que cantar para a chegada da população, da rainha, do rei, das autoridades, dentre outros.



Terno: Marinheiro

Características:

- *Foi fundado por Gerônimo Evelino.
- *A mais ou menos quinze anos Gerônimo Evelino, parou de dançar.
- *O terno Marinheiro foi o primeiro terno de Congo de Nova Aurora.
- *Sua cor é branco, verde e vermelho.



2 – Jornal produzido e pelos alunos do 9º Ano, Colégio Estadual Illydia Maria Perilo Caiado, como produto da aula oficina sobre História Local.

Tema: Revirando o Baú do Tempo / Novembro de 2018

NOVEMBRO 2018

HISTÓRIA

NOSSA CIDADE, NOSSA HISTÓRIA

REVIRANDO O BAÚ DO TEMPO

De acordo com relatos orais o nome dado a cidade se refere a Legislatura, em 1947, Getulino Artiaga forma como os carreiros que se acomodavam as margens do córrego Barreiro, no período principal fonte hidrográfica do arraial para pouso e descanso da boiada eram "vejam a aurora" que se caracterizava como sinal de (re) iniciar a partida. Em 1908 originou-se a fazenda Boa Vista do Quilombo que décadas depois receberia o nome de *Nova aurora*.



Antes de ser elevada ao título de cidade Nova aurora foi distrito de cidade circunvizinhas, inicialmente pertencendo a Catalão, passando posteriormente, em 31 de julho de 1845, a constituir território de Entre

Rios (Ipameri) e incorporando-se em 1905 ao município de Corumbaíba.



Por Lei Municipal de Corumbaíba, de 26 de novembro de 1908, foi elevado à categoria de Distrito. Em 28 de maio de 1931 o Distrito de Nova Aurora foi transferido para o município de Goiandira, do qual em seguida também foi desmembrado, tornando-se município independente em 13 de novembro de 1953. Hoje Nova aurora faz parte da Microrregião de Catalão, se destacando principalmente na agricultura e está inserida na Microrregião Sul-goiano.

NOVEMBRO 2018

HISTÓRIA

ACONTECEU AQUI!



Morre em Nova Aurora Getulino Artiaga

Foi morto a tiros em pleno mandato parlamentar. Eleito na 1ª Legislatura, em 1947, Getulino Artiaga deveria permanecer no cargo até 1951. Foi assassinado com 18 tiros em 8 de setembro de 1950, em Nova Aurora-GO, quando organizava comício. Autodidata, fez parte da escola de sargentos do Exército e designado, em

1940, delegado em Formosa.



NOVEMBRO 2018

HISTÓRIA

RELATOS DE MORADORES DE NOVA AURORA SOBRE O ASSASSINATO



DEPOIMENTO 1: “ ai ele veio fazer um comício aqui e tinha o do outro partido que era ODN que falava , era lá naquela casa pra baixo onde desmanchou da dona carmelita , e tinha um pessoal contra que foi pra lá , ele era ODN e aqui era PSD e foi fazer o comício e o povo foi pra lá, um tal de Mabe... Eu esqueci, mas era uma turma de Goiandira, veio pra lá e na hora do comício eles rebentaram a faixa do PSD, e o Getulino lá para fazer o comício, daí essa turma veio e matou ele, eles iam matar o Pedro Ludovico também, mas não matou, eles correram e trouxeram ele para a tia Nenza, pro tio Zezinho na casa aqui. A nossa senhora, nova aurora virou puro soldado, de Brasília, de Goiânia, isso aqui virou pura polícia para pegar esse povo... eles matou o Getulino, o Rosa do Totico, o Totico e atiraram no Neusmar, eu sei que Nova Aurora virou um... Nossa

senhora, todo mundo tinha medo de falar em Nova Aurora. Aí mataram ele, levaram pra Goiânia de avião e esse povo sumiu, nunca mais apareceu.”

DEPOIMENTO 2: “ Aconteceu a eleição ne, ai nesse tempo era PSD e UDN , ai naquela ocasião parece que era mais forte , o povo era mito político , até agressivo , então ouve uma contradição entre dois auto falantes , um falava de lá e outro falava de cá e sempre provocando um ao outro e naquele tempo eu sei bem que foi passando um caminhão com um monte de gente atrás e tinha uma faixa , se eu não me engano era do PSD , não tenho certeza . Ai um daqueles levou a mão e rebentou a faixa, aí começou a ingrisia aos Martins que era de Goiandira e tinha parte de gente de nova aurora também que é os Totico, aí os Martins tava almoçando na casa de uns tio meu e quando eles chegaram e

NOVEMBRO 2018

HISTÓRIA

escondia nas bananeiras , outros fugiram pra roça , nova aurora ficou vazia sabe , foi uma..... é muito tiro , o povo assustou demais com o que aconteceu , isso é o que eu sei porque eu era criança ainda , não estava nem namorando ainda hahahahahaha .”

DEPOIMENTO 3: “Aconteceu isso, e naquela época a energia aqui era um motor que fornecia energia pra cidade, desligaram a energia os o pessoal quando ouviu que tinha matado, fugiu, eu sei que fugiu todo mundo. Uma das pessoas era ligado aquela mulher que morou ali, a dona Cristina, que a filha dela era casada comum dessas pessoas. ”

DEPOIMENTO 4: “Aí esse Getúlio escutou os tiros, era comício e tava o Totico eles tava de trincheira lá no bar para matar o Totico, e eles tava lá no bar pra matar eles né, aí o Getúlio foi e escutou os tiros e foi, chegou lá o Totico já tava morto, o Osmar tinha tomado um tiro o rosa tomou outro e eles pelejou com o Getúlio porque ele não tinha nada com

isso, ele era um deputado bão, pelejou pra ele num entrar e por causa dos amigos ele entrou e morreu, atiraram nele. Eu era pequena e falava que precisava instigar e ninguém instigo. Família era de Goiânia, aí levaram eles pra Goiânia. Ele veio no comício ele não tinha nada a ver com isso, ele era do partido deles né, então veio e entrou por causa dos companheiros. Os que matou eles acho que não era da política não, era rixa e tava pelejando pra pegar eles a muito tempo. O Divino do Filó, ele até era meu primo, ele era pequeno e ele socou de baixo do barcão pra não morrer, os tiro passando pra riba e ele nossa pro cê vê, foi triste, e eu, nos num tava aí não, nois tava arrumando mudança pra ir pra cachoeira do fumaça. A dona Erci tem gente desse povo Totico, o cara que morreu. Tinha um tio, um irmão dele que era casado com a minha tia, mas eu não a lembro né, era casado com uma tinha minha, o Amerco rosa, nois falava tio Amerco, é gente

NOVEMBRO 2018

HISTÓRIA

daquele povo que veio aqui,
aquele dia.”

Depoimentos colhidos pelos alunos do 9º do
colégio Estadual Illydia Maria Perilo Caiado, Nova
Aurora –Go. 22/10/2018